

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

PAULA COATTI FERREIRA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO E CIDADANIA: DESAFIOS, REFLEXÕES E
PROPOSTAS NA PERSPECTIVA DOS NORDESTINOS DAS PERIFERIAS DE
SÃO PAULO

São Leopoldo

2011

PAULA COATTI FERREIRA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO E CIDADANIA: DESAFIOS, REFLEXÕES E
PROPOSTAS NA PERSPECTIVA DOS NORDESTINOS DAS PERIFERIAS DE
SÃO PAULO.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento Pastoral

Orientador: Lothar Carlos Hoch

Segundo avaliador: Karin Hellen K. Wondracek

São Leopoldo

2011

F383a Ferreira, Paula Coatti

Aconselhamento cristão e cidadania : desafios, reflexões e propostas na perspectiva dos nordestinos das periferias de São Paulo / Paula Coatti Ferreira ; orientador Lothar Carlos Hoch ; co-orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

81 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

PAULA COATTI FERREIRA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO E CIDADANIA: DESAFIOS, REFLEXÕES E
PROPOSTAS NA PERSPECTIVA DOS NORDESTINOS DAS PERIFERIAS DE
SÃO PAULO.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento Pastoral

Lothar Carlos Hoch – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Karin Hellen K. Wondracek – Doutora em Teologia – Escola Superior de Teologia

*Ao povo nordestino que sobrevive no Parque das Cerejeiras/SP,
minha inspiração de fé em Cristo e de esperança em Seu Amor, Poder e Justiça.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que jamais desiste de mim e permanece me ensinando o Seu Amor.

À minha Família pelo amor e dedicação de uma vida inteira.

Ao professor Lothar, meu orientador, por seu exemplo acadêmico visionário, ministerial amoroso, mas principalmente humano, que partilha dúvidas, limites, necessidades e o reconhecimento da maravilhosa graça de Deus.

Ao Pr. Hong e o irmão Yong, queridos representantes dos coreanos cristãos da cidade de São Paulo, cujo apoio incondicional permitiu a realização de mais esta etapa de meus estudos.

Ao professor Silas Molochenco, por sua generosidade, paciência e compaixão para com a aprendiz que procura seguir os seus sábios passos.

À Turma 2009 e ao corpo docente do Mestrado Profissional em Aconselhamento Pastoral da EST pela oportunidade de crescimento conjunto, em alegria e compromisso cristão.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo que permanece acolhendo e incentivando meus passos na docência.

“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”

Rm 12.2

RESUMO

Este estudo versa sobre a contribuição do aconselhamento cristão para o desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania junto aos nordestinos da periferia da cidade de São Paulo. Para tanto o, trabalho divide-se em três partes. A primeira analisa a formação do perfil sócio-econômico e religioso dos nordestinos das periferias de São Paulo; as influências de suas origens migratórias; as principais características intrínsecas à formação e modificação de sua identidade cultural e pessoal. A segunda caracteriza o tipo de aconselhamento cristão atualmente oferecido, identifica referenciais aplicativos que propiciem a recuperação da identidade pessoal, cultural e a promoção da integralidade humana desses indivíduos, bem como o perfil mais adequado do conselheiro à tarefa. A terceira e última parte avalia as possibilidades do consequente desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania, para o indivíduo e para a igreja, apresentando limites e perspectivas futuras para ambos. Nas considerações finais, ressalta os aspectos de importância do aconselhamento cristão para o desenvolvimento da conscientização em cidadania junto aos nordestinos das periferias de São Paulo, mediante a utilização de referenciais aplicativos específicos e as consequências para o futuro da igreja cristã no atual contexto brasileiro.

Palavras-chave: cidadania, nordestinos, aconselhamento cristão, integralidade, trabalho, conscientização, igreja, libertação.

ABSTRACT

This study focuses on the contribution of Christian counseling to develop social consciousness regarding the Northeastern Brazilian population living in the outskirts of the city of Sao Paulo. For that matter, this research is divided into three parts. The first part analyzes the socio-economic and religious profile of the Northeastern Brazilian population living in the outskirts of the city of Sao Paulo and the influences of their migratory origins and the main characteristics intrinsic to the formation and change of their cultural and personal identity. The second part outlines the type of Christian counseling that is currently offered and identifies applicable benchmarks to recover personal and cultural identity and provide these individuals with human integrity, and it also recognizes the most appropriate kind of counselor to develop such task. The third and last part evaluates the possible development of social consciousness regarding both the individual and the church, and it establishes limits and future perspectives for them. The final consideration highlights how important Christian counseling is in the development of social consciousness regarding the Northeastern Brazilian population living in the outskirts of the city of Sao Paulo by specifically using applicable benchmarks and what future consequences there will be for the Christian church in the current Brazilian social context.

Keywords: social consciousness, Northeastern Brazilian population, Christian counseling, integrity, work, awareness, church, deliverance.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. O CIDADÃO PAULISTANO DAS COMUNIDADES CARENTES URBANAS.	13
1.1 A presença do migrante nordestino nas comunidades carentes de São Paulo.	16
1.2 O perfil do migrante nordestino: família, trabalho, cultura e redes sociais.	20
1.3 Utopia e Religiosidade.....	24
2. O ACONSELHAMENTO CRISTÃO JUNTO ÀS COMUNIDADES CARENTES URBANAS PAULISTANAS.....	32
2.1 O aconselhamento cristão junto ao migrante nordestino das periferias de São Paulo.....	36
2.1.1 O trabalho para o nordestino.	40
2.1.2 O nordestino para o trabalho.	43
2.2 Referenciais aplicativos para o aconselhamento cristão junto ao migrante nordestino das periferias de São Paulo.	47
2.3 O perfil do conselheiro cristão junto ao migrante nordestino: cuidador, facilitador, capacitador, discipulador e educador.....	51
3. ACONSELHAMENTO CRISTÃO E CIDADANIA BRASILEIRA JUNTO ÀS COMUNIDADES CARENTES URBANAS.....	55
3.1 Libertar pela fé – o Indivíduo das periferias de São Paulo.....	57
3.2 Libertar pela fé – a Igreja das periferias de São Paulo.....	60
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

A cidadania enquanto conscientização e exercício de direitos e deveres civis, políticos e sociais, e a necessidade de responsabilidade e participação na coletividade implicadas, tem sido um tema cada vez mais discutido, estudado e vivenciado no mundo contemporâneo, com destaque para a segunda metade do século XX. No Brasil, contudo, a cidadania teve o seu processo histórico subjugado à implantação das etapas do capitalismo com as devidas peculiaridades, em função do tipo de colonização por exploração e do posterior processo ditatorial civil e militar, chegando somente à década de oitenta diante da oportunidade de (re) iniciar sua jornada em direção à democracia. Mas, a *favelização* dos principais centros urbanos do país, iniciada a partir de 1968 com o desacelerar da economia, acabara por abrigar principalmente migrantes nordestinos, na região Sudeste, destacando-se a periferia da cidade de São Paulo.

Esses migrantes formaram um corpo de consumidores e não de cidadãos legítimos, que se tornou um mercado religioso atraente a partir de então. Sua busca utópica por uma mudança socioeconômica, e a religiosidade aliada ao sincretismo e a multiculturalidade de sua origem étnica, propiciaram a emergência de uma diversidade de filiações religiosas. Tal diversidade quebrou a hegemonia católica, mas não solucionou a falta de conscientização em cidadania, cuja problemática maior já é a de que as pessoas tendem a pensá-la apenas em termos de direitos a receber.

Ignoram o fato de que elas mesmas são o agente da existência desses direitos, resultando na falta de consciência de seus deveres, pela sua participação em exercício de decisão; selam assim sua liberdade e seu destino na alienação, agora, também alimentada pelo consumo da fé mediante práticas que se distanciam ou mesmo excluem o aconselhamento cristão.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a contribuição do aconselhamento cristão para o desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania junto aos nordestinos da periferia da cidade de São Paulo. O interesse pelo tema surgiu a partir de nossa experiência prática ministerial junto à população carente da periferia de São Paulo, na região Sul (Jardim Ângela/Parque das

Cerejeiras), nos últimos seis anos. Nessa comunidade, predominantemente formada por nordestinos migrantes, pudemos constatar a partir do exercício do aconselhamento cristão, a predominância de questões relacionadas aos direitos civis, sociais e políticos, imbricadas com a religiosidade. Por outro lado, tanto nessa comunidade, como em outras da cidade com as quais temos contato e assemelham-se socioeconomicamente, é identificado inclusive mediante pesquisas estatísticas, que predomina a atuação de denominações cristãs que sequer realizam a prática do aconselhamento cristão.

Além disso, no meio acadêmico teológico protestante de São Paulo, nossa experiência tem sido de constatação de escassez ou mesmo inexistência de estudos sobre o tema da cidadania relacionado ao aconselhamento cristão e, no próprio convívio com os colegas percebeu-se a dificuldade de compreensão da questão pelas metodologias e práticas de aconselhamento cristão adotadas em seus ministérios. Informações adquiridas no estudo da cidadania e da teologia em si, e seu respectivo desenvolvimento histórico e o da Igreja como um todo, também nos propiciaram entender a questão como muito além de urbana, paulistana e brasileira; e sim existencial - o que nos faz considerar fundamental a relação do aconselhamento cristão com a conscientização em cidadania.

Para a fundamentação deste trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, dissertações, artigos de revistas, priorizando a transdisciplinaridade requisitada pelo tema, e autores como Selma Santos Borges, Eliseu Roque do Espírito Santo, Leonildo Silveira Campos, Marcos Sá Correa, João Batista Libânio, Gideon Alencar, José Comblin, Paul Tillich, Ricardo Goldim, Jung Mo Sung, Maria das Dores Campos Machado, Ricardo Mariano, Alderi Souza de Matos, Howard Clinebell, Carl Rogers, Hugo Santos, Lothar Carlos Hoch, Valburga Streck, dentre outros pesquisadores das áreas de teologia, sociologia, psicologia e história.

O trabalho, portanto, divide-se em três partes. A primeira analisa a formação do perfil sócio-econômico e religioso dos nordestinos das periferias de São Paulo e as influências de suas origens migratórias e principais características intrínsecas à formação e modificação de sua identidade cultural e pessoal que o fazem ser um não-cidadão. A segunda caracteriza o tipo de aconselhamento cristão atualmente oferecido, e identifica referenciais aplicativos que propiciem a recuperação da identidade pessoal e cultural e promoção da integralidade humana desses

indivíduos, bem como o perfil mais adequado do conselheiro à tarefa. A terceira e última parte avalia as possibilidades do consequente desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania, para o indivíduo e para a igreja, apresentando limites e perspectivas futuras para ambos. Por fim, ressalta considerações sobre a importância do aconselhamento cristão para o desenvolvimento da conscientização em cidadania junto aos nordestinos das periferias de São Paulo e para o futuro da igreja cristã, no atual contexto brasileiro.

1. O CIDADÃO PAULISTANO DAS COMUNIDADES CARENTES URBANAS.

O cidadão brasileiro das comunidades carentes urbanas começa a surgir a partir da década de oitenta, como fruto de um processo histórico onde o estabelecimento dos direitos civis, políticos e sociais foram decorrentes da implantação das etapas do capitalismo – mercantilismo, liberalismo e monopolismo – com as devidas peculiaridades em função do tipo de colonização por exploração e do posterior processo ditatorial civil (Vargas) e militar.¹

No plano étnico cultural, esse cidadão foi construído pelas matrizes indígena, africana e europeia (lusitana), ou melhor, segundo Ribeiro,² a partir da desconstrução de cada uma delas, o que propiciou uma unificação na língua e nos costumes, lembrando que essa construção foi sob a exploração e subalternização da terceira matriz (europeu-lusitana), e posteriormente de outras potências estrangeiras; e que incluiu a escravização das duas primeiras e a imposição religiosa do cristianismo católico. Segundo Pinheiro,³ a miscigenação e o sincretismo oriundos desse processo foram soluções relacionais dadas, respectivamente, para a injustiça social e a opressão sexual;⁴ mas, com consequências interessadamente positivas na identidade desse povo, como a criatividade, a capacidade de enfrentar e se adaptar às mudanças (resiliência) e novidades, o ideal de liberdade e a tendência natural ao viver comunitário incluyente.

Consequentemente, ao longo dos séculos vem sendo construída a identidade brasileira, muitas vezes vista de forma distorcida em preconceitos como sendo a de um povo indolente (preguiçoso; não gosta de trabalhar), que só gosta de festa/música/dança (de sensualidade vulgar), e *de levar vantagem em tudo* (oportunista). Acrescenta-se ainda outra distorção, a de que se trata de um povo

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 236 p.

² RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Companhia de Bolso), p. 26-37.

³ PINHEIRO, Jorge. *Deus é Brasileiro: as brasilidades e o Reino de Deus*. São Paulo: Fonte, 2008. p.112-119.

⁴ Considera-se de conhecimento público não somente pelas obras de Darcy Ribeiro, o fato da marginalização a que estão submetidos os índios e os afros descendentes e as consequências até os dias de hoje, em função do processo histórico-social brasileiro; haja vista as constantes questões com relação à posse de terra e saúde dos índios; e a Lei N°3.627/2004 de cotas para minorias; e estudos diversos sobre a predominância de afro descendentes habitando favelas e regiões de concentração de população de baixa renda pelo IBGE.

pacífico, até mesmo passivo, pela integração com outros povos, posterior à colonização, como os italianos, espanhóis, japoneses, entre outros. Na verdade, tais preconceitos foram interessantes ao domínio escravocrata, de manutenção de coesão social.

Assim, quando a partir de 1980 o Brasil (re) iniciou sua jornada em direção à democracia, de forma desafiadora para seu processo histórico de cidadania, Santos⁵ foi um dos primeiros a captar e descrever um cenário bem complexo, onde ele afirmou existir o *não-cidadão*⁶ do Terceiro Mundo, uma vez que se formou um consumidor e não um homem livre resultante das grandes migrações⁷ para os principais centros urbanos do Sudeste, em especial do Norte e Nordeste para São Paulo⁸. Esse movimento foi consequência do desenvolvimento da industrialização brasileira a partir de 1930,⁹ quando ocorreram as restrições aos imigrantes, movimento acentuado para atender ao *milagre econômico* e que em 1968, com o desacelerar da economia, provocou a formação das favelas, hoje chamadas de comunidades carentes.

Viu-se também o cenário religioso brasileiro¹⁰ tornar-se um novo mercado de consumo, conseqüentemente, alimentador de alienação, inclusive enquanto meio de ajuda (ou fuga) para suportar as crescentes condições de pobreza e falta de recursos.¹¹

⁵ SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7 ed. São Paulo: EDUSP, 2007. (Coleção Milton Santos, 8), p. 24-27.

⁶ Visão típica da década em questão e, também compartilhada por MANZINE-COVRE (Org.). *A Cidadania Que Não Temos*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 189 p.

⁷ Consideramos pertinente observar que Santos (2007) chama a atenção para o fato de *desterritorialização* ser também um processo de *desculturalização*, uma vez que o território (espaço físico) é onde se dá a comunhão, a solidariedade orgânica, e a vivência dos *valores de uso* e não os *de troca*. Ou seja, as migrações fizeram os brasileiros passar de um *regime orgânico* para um *império organizacional*.

⁸ CARVALHO, 2007, p. 119.

⁹ No caso da migração nordestina cabe observar que além do histórico sócio-econômico do país, que mantém a questão latifundiária em aberto, também se deve considerar as causas naturais, como por exemplo, as secas.

¹⁰ Pretende-se aqui, tratar apenas das questões relacionadas diretamente à nossa pesquisa; inclusive por ter-se plena consciência da magnitude e profundidade que requer a questão religiosa em geral e brasileira especificamente.

¹¹ Posição concordante encontrada em diversos autores a serem apresentados ao longo deste trabalho seja pela identificação com o pensamento capitalista neoliberal na reprodução de diversas formas de opressão e de alienação (discriminação de gênero, apatia das lutas sociais, acomodação de status, *demonização* ou divinização do sofrimento humano e consolo escatológico, etc.), ou da cultura de massa (individualismo, consumismo, defesa de bandeira religiosa corporativa, etc.).

Compreende-se o neopentecostalismo¹² como a expressão mais nítida disso, estimuladora de consumismo pela sua Teologia da Prosperidade, embora também uma revelação do sincretismo religioso da multiculturalidade brasileira¹³.

Ao vislumbrar a história religiosa do Brasil, a partir de Alencar,¹⁴ também se pode constatar da parte do protestantismo, por sua própria origem e forma de entrada no país, a reprodução de uma cultura estrangeira burguesa, seja pela visão econômica como pela de fé, mas que ainda assim também participou da expansão evangélica¹⁵.

Soma-se a isso o já mencionado sincretismo das matrizes étnico-culturais e a imposição do catolicismo de colonização que, à época das ditaduras, adquiriu um caráter de defesa do povo¹⁶. Mas, que hoje também inclui a visão de mercado, podendo ser associada ao surgimento e atuação de figuras públicas religiosas, como mais recentemente o padre Fábio de Melo e seus produtos;¹⁷ e o próprio estímulo ao movimento carismático, de oposição e reação à perda de fiéis para o neopentecostalismo, como retrata Fernandes.¹⁸

A percepção da magnitude do crescimento evangélico, principalmente pentecostal, como não poderia deixar de ser, acabou adentrando o cenário político.

¹² Para efeito deste estudo estaremos utilizando a classificação do IBGE presente no Censo Demográfico 2000, onde o termo *evangélicos pentecostais* refere-se a todos os evangélicos que não são de origem de missões (protestantes), o que inclui os *neopentecostais*. E, também, lembramos que o ano de 2010 marca o centenário do pentecostalismo no Brasil, a partir da chegada da Igreja Congregação Cristã, tendo o neopentecostalismo como sua *terceira onda*, iniciada em 1977 com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) por Edir Macedo, no Rio de Janeiro; conforme a concordância com o pensamento de Paul Freston expressa em MATOS, Alderi Souza de. Pentecostalismo: traços históricos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 8-11, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2010. p.10.

¹³ O neopentecostalismo apresenta várias práticas que podem ser identificadas com as mais diversas religiões existentes no Brasil: uso de símbolos da umbanda (rosa, pulseiras consagradas, etc.), aspectos da cultura burguesa protestante (relação trabalho-prosperidade como indício de obediência e benção de Deus), catolicismo (idolatria de líderes e objetos), etc. Algumas afirmações a respeito podem ser encontradas nas obras de Pinheiro (2008) e de Alencar (2005); além da influência da religiosidade de outros povos, também integrantes da realidade brasileira: japoneses, chineses, coreanos, hindus, árabes, etc.

¹⁴ ALENCAR, Gideon. *Protestantismo Tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 37-51.

¹⁵ MATOS, 2010, p. 11. Embora entendamos que também foi direcionada à classe média.

¹⁶ Destacamos aqui o reconhecimento inegável da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base na contribuição ao processo democrático e à cidadania brasileira, que ainda têm seus reflexos e representantes até os dias de hoje inclusive na missão da Igreja como um todo.

¹⁷ Para efeito de constatação, os CD's, DVD's, livros, devocionais, músicas para MP3, contato para shows, etc; disponíveis em: www.fabiomelo.com.br.

¹⁸ FERNANDES, Sílvia Regina Alves (Org.). *Mudança de Religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*. São Paulo: Ceris; Palavra & Prece, [s.d.]. (Coleção CERIS). p. 68-69.

No entanto, os pastores ao levarem os seus fiéis a votarem disciplinadamente nos candidatos por eles indicados, reproduzem os *coronéis* do interior do país, que através dos *currais eleitorais*, determinam em quem os eleitores devem votar. Evidentemente, tal atitude colide com a liberdade de consciência assegurada pela Constituição brasileira.¹⁹

Não se quer aqui negar a existência da disputa por fiéis acontecer como preceito religioso em si, contudo destacamos o fator econômico associado, influenciador dos rumos a partir da década de oitenta,²⁰ a nosso ver importante parte formadora e influenciadora do atual *não-cidadão* brasileiro habitante das periferias urbanas, sobretudo do Sudeste, em São Paulo.

1.1 A presença do migrante nordestino nas comunidades carentes de São Paulo.

A formação dos bolsões de comunidades carentes nas periferias da região Sudeste do Brasil abriga especialmente migrantes do Norte e Nordeste, tanto no fornecimento de consumo de trabalho como na formação de consumidores de massa dos produtos e serviços propriamente ditos.

Segundo o Censo Demográfico 2000,²¹ realizado pelo IBGE, a região Nordeste continua apresentando o maior fluxo migratório (aumento de 7,6% em relação ao período de 1986/1991; com destaque para Bahia e Pernambuco) e o principal destino dos migrantes permanece sendo a região Sudeste (com destaque considerável para o estado de São Paulo – embora desacelerando - e Rio de Janeiro), que recebe 70,9% dessas pessoas e que possui taxas acima de 72% de urbanização dos principais centros metropolitanos. Cabe aqui observar que São

¹⁹ JACOB, Cesar Romero [et al.]. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 217.

²⁰ Também não se pretende afirmar com tudo isso que há no cenário religioso brasileiro a atuação predominantemente consciente de má intenção, e puramente comercial; ou qualquer inexistência de pessoas, igrejas e denominações legitimamente comprometidas com o cristianismo.

²¹ BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000: migração e deslocamento – resultados da amostra*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/migracao/censo2000_migracao.pdf > Acesso em: 26/10/2009. p. 30-68.

Paulo é a cidade mais populosa do país, possuindo uma população que ultrapassa os 11 milhões de habitantes,²² sendo desses, 19,6% nordestinos.²³ Em contrapartida, cresce o movimento de ida para o Nordeste, sendo a maior parte dos próprios nordestinos que voltam às suas regiões de origem (migração de retorno), também saindo do Sudeste, de São Paulo.

A permanência na cidade de São Paulo caracteriza-se pelo viver de trabalhos manuais não qualificados ou pouco qualificados, também em áreas que não exigem formação profissional, porque esses migrantes possuem, em média, condição de vida e nível educacional acima de seus conterrâneos, mas abaixo dos cidadãos estáveis do Sudeste. Já a saída se deve ao alto índice de desemprego da região metropolitana da cidade e ao crescimento do setor de turismo no Nordeste, além de um maior número de empresas lá instaladas, com incentivos fiscais.²⁴

Ainda de acordo com o Censo Demográfico 2000, essa chamada *população não-natural* de São Paulo, apresenta a faixa etária predominante de 30 a 34 anos, na sua maioria mulheres, embora a população com menos de 15 anos acumule-se nas periferias das grandes cidades, o que pode estabelecer relação com a fecundidade (mulheres migrantes e seus filhos). Cabe observar que predominam também mulheres não somente na cidade de São Paulo, mas em todos os principais centros urbanos, e de acordo com o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*,²⁵ há uma relação direta com a urbanização pela possibilidade maior de as mulheres encontrarem trabalho remunerado nas cidades, embora ainda seja uma realidade o crescimento vertical desses centros urbanos, o que mantém a área de construção civil ainda bem ativa e empregadora de mão-de-obra masculina²⁶, além dos transportes e serviços às empresas.

²² BRITO, Diana. População de São Paulo ultrapassa 11 milhões, diz IBGE. *Folha Online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u609690.shtml>. Acesso em: 02/11/2009.

²³ SÃO PAULO. Centro de Tradições Nordestinas. <http://www.ctn.org.br/nordestesp/ibge.php>. Acesso em: 23/04/2010.

²⁴ MATAIS, Andreza. Câmara aprova recriação da extinta SUDENE. *Folha Online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u87195.shtml>. Acesso em: 02/11/2009.

²⁵ JACOB, 2003; p. 132-135; p.184. Obs: De acordo com a Fig. J1, na página 184 dessa obra, na região metropolitana da cidade São Paulo a taxa de masculinidade é de 95 homens/100mulheres (ou 48,72% homens e 51,28% mulheres).

²⁶ Global Investe; Urban Systems Brasil. *Relatório do Setor Imobiliário de São Paulo*. Disponível em: <http://www.acionista.com.br/globalinvest/050804-setor-imobiliario.pdf>. Acesso em: 15/11/2009.

Mas, a grande mudança tem sido com relação à filiação religiosa.²⁷ Os pentecostais crescem em média 8,3% ao ano, com a distribuição sobre o território nacional acompanhando a da distribuição da população em geral, inclusive seguindo o padrão das migrações, até mesmo das frentes pioneiras (Norte e Centro-Oeste²⁸), o que permanece destacando os nordestinos e a microrregião de São Paulo com o maior contingente desses fiéis – 1,7 milhões - localizando-se na periferia imediata da região metropolitana. Outro aspecto interessante é o de que esses pentecostais congregam em sua maioria mulheres, trabalhadoras domésticas (principalmente sem registro), crianças e adolescentes não brancos, com nível elementar de educação, e são em uma classificação por ordem de importância numérica, membros das igrejas Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Universal do Reino de Deus (IURD) – que juntas totalizam três quartos dos pentecostais – sendo o restante, de outras confissões também pentecostais, mas diversas.

Embora a Igreja Católica²⁹ ainda seja soberana no país, especialmente nas capitais estaduais, vem apresentando um decréscimo exatamente nas regiões onde crescem os pentecostais e os *sem-religião*, seguindo o padrão centro-periférico de influência, ou seja, sua influência decresce do centro para a periferia dos grandes centros metropolitanos (urbanos), onde se localiza a população menos favorecida. Por outro lado, é no interior nordestino (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí) que a presença católica permanece forte (acima de 93%), e destacamos aqui, a observação dessa exata região ser característica de evasão de população (saída migratória), em especial para o Sudeste, permanecendo o destaque para a cidade de São Paulo.³⁰

A fixação concentrada do migrante nordestino nas periferias de São Paulo confirma a configuração do espaço, não como dimensão física e geográfica (de vínculo com a terra), mas sim como a qualificação dos assalariados, ou seja, como representação social de classe e *status*, inclusive no aspecto da administração da limpeza urbana; evidência do impacto do sistema econômico, principalmente na

²⁷ JACOB [et al.], 2003, p. 39-44; 49.

²⁸ Nessas regiões, porém, o destaque é da população migrante masculina, pela demanda de trabalhos de desmatamento e extração mineral.

²⁹ JACOB [et al.], 2003, p.15-18

³⁰ IBGE, 2009, p. 31.

realidade da pós-modernidade, bem diferente do meio rural.³¹ Além disso, o êxodo rural permanece motivado pela busca de melhores condições de educação, saúde, trabalho e liberdade individual.

Contudo, o que se foi revelando com o tempo e acentua-se cada vez mais é que

A liberdade diante dos padrões tradicionais do mundo rural deixa-se substituir frequentemente por comportamentos impostos por representações veiculadas hegemonicamente no mundo urbano. Há uma aparente liberdade diante das modas, dos costumes, que domesticam as pessoas, as submetem aos interesses publicitários e a muitos outros fatores externos.³²

Pode-se dizer mesmo que o grande sonho de realização oferecido pela cidade é fundamentado em consumismo e hedonismo, sob crescente influência da mídia, mas as condições de vida vêm se deteriorando cada vez mais. O desemprego é uma realidade, a violência e a desorientação também, ocorrendo uma inversão quanto à qualidade de vida. A casa, o lar, é cada vez menos o local de encontro da família e de seu lazer conjunto, espaço este hoje tomado em parte pela instituição religiosa (igreja); sem falar na necessidade cada vez maior de aumento de carga de trabalho, o que o desenvolvimento tecnológico deveria ter propiciado, mas o consumismo crescente impede (necessidade de mais ganhos para mais compras e diversificação das opções de lazer – outra forma de consumo).³³

Assim, ao falar do *não-cidadão* brasileiro das comunidades carentes urbanas, tem-se como sua maior e mais antiga expressão o morador das periferias da cidade de São Paulo, sendo este migrante, em especial nordestino ou seu descendente, não-branco, que se desloca para sua sobrevivência; atualmente com destaque para as mulheres (51,28%),³⁴ com filhos de idade inferior aos 15 anos, de baixa renda e de pouco nível de estudo, membro de igreja pentecostal ou fiel em trânsito da Igreja Católica (de prática tradicional) para as pentecostais.

³¹ LIBÂNIO, João Batista. *As Lógicas das Cidades: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 27-33; 36; 52-53.

³² LIBÂNIO, 2002, p. 37.

³³ LIBÂNIO, 2002, p. 52.

³⁴ Conferir nota de rodapé 25 desse estudo. Observamos que não abordaremos questões específicas e exclusivas do gênero predominante, exceto quanto essenciais, pois entendemos que isso merece um estudo de aprofundamento em doutorado, em função de sua complexidade.

1.2 O perfil do migrante nordestino: família, trabalho, cultura e redes sociais.

Como já mencionamos anteriormente, por uma questão histórica e que é confirmada pelo último censo, o meio rural nordestino permanece regido pelos referenciais religiosos tradicionais católicos, havendo fortes laços de parentesco e solidariedade entre os grupos. Isso, ao menos, oferecia um caráter normativo aos indivíduos, de segurança e orientação para o comportamento, marcando limites, o que não ocorre nas cidades, e se degenera cada vez mais. Valores fundamentais estão fragmentados, há proliferação de subculturas de consumo com valores próprios, e o individualismo extremado substitui a solidariedade, abalando até mesmo a intimidade afetiva e da interioridade da casa, pela substituição da relação familiar pelo prazer individual, compreendido como liberdade a qualquer custo, inclusive no aspecto sexual.³⁵

Assim, a estruturação familiar do migrante nordestino das comunidades carentes de São Paulo em parte é típica de pessoas de baixa renda de países da América Latina pós-moderna, ou seja, herdou o patriarcalismo, o machismo, embora *matrifocal* (relações centralizadas nas mulheres-mães), sendo moralista e afetiva, e atribuindo ao homem o papel de provedor (valorização pela capacidade de produção), com distanciamento mais acentuado da figura do pai. Por outro lado, porém, sofreu influência das mudanças das últimas décadas, havendo algumas famílias monoparentais (predominantemente liderada pela mãe; com o filho homem mais velho no lugar do pai para prover o sustento da casa), com rotatividade de parceiros da mãe. Mas, por outro lado, caracteriza-se por priorizar relacionamentos de solidariedade conterrânea e parental, valorizando a relação familiar; o que cria dependência, por ser tencionado com a individualização.³⁶

³⁵ LIBÂNIO, 2002, p. 36-41

³⁶ STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Teses e Dissertações, 14). p. 33-44.
MACHADO, Maria das Dores Campos. O pentecostalismo e as mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 22-26, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p. 24.

É uma estrutura familiar que em geral inclui a presença de parentes (tios, sobrinhos, avós, primos) habitando conjunta e temporariamente (vêm para trabalhar e se estabelecer posteriormente), e que é típica de pessoas de baixa renda. Há ocorrência da dependência predominante do álcool, e às vezes de drogas, mais comumente por parte dos homens adultos (pai, tio, avô, filho mais velho). Também é normal a presença de uma avó materna, viúva, cuidando dos netos, para que a filha trabalhe e sustente o lar; contribuindo economicamente com sua aposentadoria, e ainda a adoção informal de sobrinhos sem um dos pais (separação ou viuvez).

Crianças e jovens, em sua maioria já nasceram em São Paulo, conhecendo e experimentando a tecnologia eletrônica e digital da metrópole, tendo a vida no nordeste apenas como um referencial distante, de histórias contadas de sofrimento e luta da família, de parentes distantes que talvez cheguem a conhecer através de uma rara viagem de férias ou de tentativa de migração de retorno dos pais. Não conhecem a seca, mas crescem em convivência natural com o narcotráfico, *lan-houses* e com os *shoppings*.

Eles frequentam escolas e postos de saúde precários e hospitais públicos, embora desejem os mesmos produtos que a mídia divulga para suas idades; ajudam os pais e tios analfabetos ou semi-analfabetos, no entendimento de documentos e cuidando dos irmãos menores. Não dispõem de espaço público para o lazer na própria periferia, a não ser nas escolas, em organizações não governamentais e nas igrejas.

Falam com sotaque e alguns vocábulos típicos nordestinos, herdado dos pais e parentes em geral, e por ouvirem naturalmente no bairro onde vivem, embora isso não minimize as inegáveis diferenças psicossociais para com o adulto, migrante. Até mesmo sua alimentação é caracterizada pelo constante uso do coentro e do feijão de corda, mas procuram freqüentar o *McDonald's* sempre que podem, ou que o dinheiro da família permite gastar em um dia especial.

Assim, entre a solidão³⁷ e a multidão do espaço urbano de São Paulo, o nordestino migrante vive uma dicotomia entre a preservação de seus referenciais originais e a assimilação diversificada de outros, novos para ele. Parte disso pode ser confirmada pelo trabalho acadêmico da pesquisadora Selma S. Borges,³⁸ que teve como recorte temporal justamente o início da década de oitenta até o ano de 2007 e que, embora tenha o foco na relação identidade-preconceito, acaba por evidenciar algumas questões também pertinentes para esta pesquisa.

Primeiramente, a pesquisadora destaca a importância de não se ter uma padronização da cultura nordestina, pois na população de migrantes nordestinos em São Paulo – que até 2003 correspondia a 30% da total - há predomínio de baianos (25%), pernambucanos (15%) e cearenses (8%), dentre outros (52%), e suas origens étnicas são variadas.³⁹ Ora predomina o negro, ora o índio, não se podendo eliminar o branco europeu (holandês ou português), conforme processo histórico-geográfico da miscigenação das matrizes étnicas brasileiras⁴⁰.

Quanto ao aspecto étnico-cultural, Selma Borges destaca que o paulistano típico que no passado era o descendente de italiano, hoje deu lugar ao nordestino, embora haja o rótulo preconceituoso de “baiano”⁴¹ para todo e qualquer nordestino⁴² cujo sotaque não deixa de denunciá-lo, ou também o de “cabeça chata” já historicamente identificado por Darcy Ribeiro.⁴³

Outra questão delicada é o fato de o nordestino ser preconceitosamente associado à violência, inchaço populacional, desemprego ou à falta de cultura – pela

³⁷ ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A Solidão Intimista na Cidade Mundial: uma análise da experiência da migração*. 2003. 152 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Segundo essa obra, a solidão é um sofrimento freqüente e forte relatado pelos migrantes que vem para São Paulo; daí a procura pelos seus semelhantes (outros migrantes de mesma origem) e a manutenção do contato com a família no local de origem através de carta e telefone. Segundo a pesquisadora, trata-se de um sentimento intimista que impede os indivíduos de pensarem no contexto social mais geral, tendo suas necessidades mais relacionadas aos projetos individuais (p.114).

³⁸ BORGES, Selma Santos. *O Nordeste em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade*. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

³⁹ BORGES, 2007, p.14.

⁴⁰ RIBEIRO, 2007, p. 249-328.

⁴¹ BORGES, 2007, p.15.

⁴² Observamos que o problema não é o de não diferenciação de naturalidade, e sim, o de preconceito para com todos os nordestinos, onde a palavra *baiano* foi estigmatizada como sinônimo de gente pobre, ignorante, servil, preguiçoso, etc., conforme detalhamento em GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: 34, 2002. p.125-136

⁴³ RIBEIRO, 2007, p. 86

classe média e a elite cidadina⁴⁴ - o que nos parece confirmar sua situação antiga, de estar à margem da sociedade, pelo caráter sócio-econômico que o mantém nas periferias da cidade, como cidadão típico das comunidades carentes. Essa questão é bem enganosa e preconceituosa, por descrever aspectos da ambição consumista e da diversidade descaracterizante dos meios urbano e rural, embora diferentes entre si,⁴⁵ e constatável em qualquer lugar do mundo pós-moderno, não sendo uma problemática exclusiva do nordestino.

À abordagem descrita acima queremos relacionar, a concentração dos nordestinos frequentando determinadas regiões geográficas da cidade de São Paulo, descritas por Borges como *focos de resistências culturais*;⁴⁶ lugares de lazer e cultura, de compra e consumo de alimentos, objetos, música e dança, dentre outros artigos típicos. Revelam-nos a ânsia da preservação de hábitos e costumes, de identidade cultural regional, sendo a rede social dos conterrâneos fundamental – o que observamos atualmente incluir o freqüentar das igrejas. Também mostram a concentração geográfica passada e atual, do trânsito do local de moradia para o de trabalho, movimento incessante, revelador a nosso ver da *utopia* do migrante, de tentativa de alcance de uma vida plenamente feliz, possível de ser alcançada pelo esforço e dedicação.

A confirmação dessa *utopia* associada à *preservação ou resistência cultural* na raiz da identidade do migrante nordestino vem também da pesquisa de campo de Borges,⁴⁷ ao descrever a predominância da chegada dos indivíduos na cidade a partir da vinda sempre antecedente de um parente ou amigo próximo; pelo motivo unânime da busca de melhores condições de vida através de trabalho;⁴⁸ pela predominância do círculo de relacionamento também entre conterrâneos parentes

⁴⁴ BORGES, 2007, p.16.

⁴⁵ LIBANIO, 2002, p. 41-45. O autor distingue basicamente a violência rural marcada pelos conflitos (de terra, de trabalho escravo, sindicais e de política agrícola) e a urbana, pela disparidade social (banditismo em geral pela formação de guetos habitacionais, tráfico de drogas, repressão dos instintos, etc.)

⁴⁶ BORGES, 2007, p. 17. Observamos que as áreas descritas pertencem às quatro regiões da cidade: Norte, Sul, Leste e Oeste; ou seja, há delineamento do fluxo da periferia da cidade de São Paulo para essas regiões evidenciando a presença do nordestino migrante de baixa renda em todas as elas. Ex: Santo Amaro (Sul); Barra Funda (Oeste), Largo da Concórdia/Brás (Leste); São Miguel Paulista (Nordeste); Praça da Árvore (Sudeste); Largo da Batata/Pinheiros (Sudoeste); etc.

⁴⁷ BORGES, 2007, p. 68-94. Seu trabalho incluiu, além da pesquisa bibliográfica, a de campo; qualitativa, de 30 entrevistas fechadas com 31 pessoas de três diferentes segmentos de trabalhadores: professores/professoras, garçons/garçonetes e zeladores e porteiros de prédios residenciais.

⁴⁸ E do estudo (ou ambos) apenas para o segmento de professores e professoras (nordestinos de classes abastadas).

ou não; pelo desejo de retornar ao local de origem ou a outro melhor, preferencialmente no Nordeste; pelo desconforto com a generalização do termo “baiano” para todo e qualquer nordestino; pela preferência por lazer relacionado às suas raízes (música, dança e comida típica).

Curiosamente, a maioria dos pesquisados não afirmou perceber a vivência do preconceito, apenas o segmento de nível sócio-econômico e educacional superior (professoras e professores) o fez; o que nos parece não simplesmente falta de percepção dos demais por pouca instrução, mas aceitação, *subserviência* historicamente herdada das matrizes escravizadas e de suas miscigenações, que torna o mau trato e o menosprezo, como “inferioridade” aceita, como algo comum em suas vidas humildes, de serviços;⁴⁹ refletindo de forma marcante em sua expressão de fé.

1.3 Utopia e Religiosidade.

A partir do século XX, inúmeras obras da literatura brasileira e das artes cênicas e cinematográficas passam a retratar a vida típica do nordestino,⁵⁰ de forma biográfica, dramática ou cômica,⁵¹ mostrando o combate à seca no sertão, a luta por um pedaço de terra para ter sua sobrevivência (política latifundiária do país), o cangaço, o coronelismo, o ser retirante, o respeito e submissão às autoridades religiosas (o padre ou o pai de santo), e a *religiosidade* em si, ora expressa pelo cultuar de santos, o cumprimento de promessas, simpatias, romarias, festas, e o recorrer à benzedeira; ora pelo sincretismo, unindo o catolicismo ao terreiro de

⁴⁹ RIBEIRO, 2006, p. 86-87.

⁵⁰ Como esse estudo não visa tratar a presença da cultura nordestina nas artes, citamos apenas algumas das principais obras existentes que referendam o mencionado no parágrafo. São estas: literatura – *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto; *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; cinema e teatro – *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha; *O Pagador de Promessas* (1962), de Dias Gomes; *O Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna; dentre muitas outras obras, inclusive recentes como o filme *Cafundó* (2005), dirigido por Paulo Betti; *Deus é Brasileiro* (2003), dirigido por Cacá Diegues; e *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles e ganhador de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, onde a personagem Dora (Fernanda Montenegro) vive de escrever cartas para os parentes dos migrantes nordestinos que vivem no Rio de Janeiro. Esses três últimos, já apresentando personagens evangélicas pentecostais, como mudança histórica. Obs.: Lembramos o livro *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, mas como representativo da formação do povo brasileiro em geral.

⁵¹ Entenda-se “o rir da desgraça”; a apresentação caricaturada de uma realidade dolorosa.

umbanda ou do candomblé, ora pelo messianismo; mas sempre presente e evidenciando a miscigenação histórica, de fruto sócio-econômico, e a migração do meio rural para o urbano.

Por isso, é mister aqui atentarmos para a realidade de que

religião, religiosidade e fé formam um campo semântico. Há um elemento comum que atravessa as três. Elas referem-se a uma experiência que relaciona o ser humano com uma Realidade maior. Os termos Absoluto, Transcendência, Mistério servem para descrevê-la. [...] Para relacionar-se com esta Realidade Última ou Primeira, Mistério absoluto, os seres humanos criaram, ao longo da história, sistemas de crenças, de ritos, de símbolos, de práticas, de doutrinas. Temos a *religião*. A religião vem a responder uma dimensão profunda das pessoas. Dessa matriz antropológica brotam as religiões, como também a ela se dirigem. É *religiosidade*. Quando, porém, nessa relação o ser humano se percebe interpelado por uma Palavra revelada de Deus e a acolhe como exigência ética de vida é a fé. O cristianismo é, ao mesmo tempo, religião, fé e religiosidade.⁵²

Assim, a partir dos conceitos acima, e da dinâmica da fé⁵³ em si, pode-se entender o processo religioso do nordestino migrante intimamente relacionado ao histórico sócio-econômico do país e, portanto, coexistente à questão da cidadania, do *não-cidadão* surgido a partir de uma democracia a favor do poder político-econômico, e de sua religiosidade resultante.

Processo este que, desde a colonização, já trouxe uma fé deformada em sua essência *extática*,⁵⁴ sendo *estática*, pela ausência de consciência crítica em sua forma confessional;⁵⁵ o que caracterizou a entrega cega dos indivíduos às formas fixadas pelas autoridades eclesásticas transformando o que deveria ser o “estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” e “ato da pessoa inteira”.⁵⁶ Consequentemente, também idólatra, na medida em que a busca da dignidade de vida, a *utopia* pela ascensão econômica e social, transformou-se numa *preocupação incondicional* que tomou os indivíduos – da ânsia pela liberdade da escravidão à ânsia de integração à sociedade consumista, de massa, ou seja, do catolicismo

⁵² LIBÂNIO, 2002, p. 54-55.

⁵³ TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974. 87 p.

⁵⁴ Segundo Tillich (1974, p. 8-9), o ato global e mais íntimo da pessoa, sendo mais do que os impulsos do subconsciente irracional e, também, indo além das estruturas do consciente racional.

⁵⁵ TILLICH, 1974, p. 9-23.

⁵⁶ TILLICH, 1974, p. 7.

tradicional colonial ao pentecostalismo – preocupação inclusive refletida na linguagem simbólica, pois o sucesso torna-se e mantém-se a preocupação última; assim,

o medo de não obter sucesso satisfatório é uma forma distorcida do medo ante o juízo de Deus: sucesso é graça; fracasso é rejeição por parte de Deus. Dessa maneira, conceitos que refletem uma realidade por demais terrena, como sucesso e dinheiro, se transforma em símbolos idólatras daquilo que realmente tem validade última.⁵⁷

O mesmo acontece com os mitos.⁵⁸ Enquanto símbolos da fé associados a lendas, passam a ser entendidos literalmente (ganham localização no tempo e espaço)⁵⁹, perdendo a essência que indica para algo que se encontra fora dele (o incondicional, fora do tempo e do espaço), transformando a relação em *ato mágico*, além de objetos sacralizados,⁶⁰ ou seja, confundidos com o próprio sagrado em si. A isso Tillich,⁶¹ sob a ótica freudiana, descreve como o *super-ego* não se justificando por normas objetivas e se transformando em um tirano, ou seja, a fé perdendo seu caráter normativo objetivo – vital para manter-se junto à cultura – o que acaba por tiranizar a vida em sociedade, na forma de controle.

Outra consequência marcante, a nosso ver uma fusão das questões dos símbolos e mitos acima mencionados, é a sacralização na forma de hábitos e costumes,⁶² que se constituiu em uma indicação do que é *ser crente* (santo no sentido limitado, de perfeição moral apenas), *pelo vestuário*: mulheres de saia e cabelos longos, homens de terno e bíblia embaixo do braço (mesmo se forem analfabetos e não puderem lê-la); *pelo vocabulário*: uso de frases específicas para expressão de sentimentos comuns, como por exemplo, *Ô glória!* (alegria), *Misericórdia!* (espanto diante de situações chocantes, negativas), *Só Jesus* (espanto com atitudes negativas de pessoas não crentes); e *pelas atitudes*: ir a todos os

⁵⁷ TILLICH, 1974, p. 32.

⁵⁸ No caso dos nordestinos, Nossa Senhora Aparecida, Círio de Nazaré, Senhor do Bonfim, São Jorge, etc.; e outros, a partir de personagens históricas, reais, como por exemplo: Padre Cícero. Ou, o líder pentecostal com poder de cura, dom de profecia, levita consagrado (cantores e músicos), etc.

⁵⁹ TILLICH, 1974, p. 35-37; 42.

⁶⁰ Sal grosso que espanta espíritos maus ou energias negativas, cruz de pão que protege contra o espírito de miséria, pingente da lágrima de Jesus que protege contra a possessão demoníaca, rosas e pulseiras consagradas para finalidades diversas, etc.; encontrados tanto na prática popular católica, como pentecostal e umbandista ou do candomblé; como já mencionado na nota de referência 12.

⁶¹ TILLICH, 1974, p. 8-9;14.

⁶² GOLDIM, Ricardo. *É proibido*: o que a bíblia permite e a Igreja proíbe. São Paulo: Mundo Cristão, 1998. 183 p.

cultos e reuniões de oração, não ir às festas que não sejam da igreja, não usar maquiagem, não beber nem fumar, não assistir televisão nem ouvir músicas não religiosas, etc. Ou seja, ocorre a completa confusão entre sujeito e objeto na tentativa de conseguir o infinito por um meio finito, o incondicional a partir do condicional a ponto de resultar em fanatismo ou em frustração existencial, capaz de levar à destruição da pessoa.⁶³ E, mais precisamente no caso dos nordestinos, acaba por descaracterizada sua identidade cultural, uma vez que se passa a demonizar as músicas e danças típicas (o forró), a bebida (pinga de cana) e as festas folclóricas e religiosas (Junina, Bumba Meu Boi, de Reis, etc.).

Por outro lado, reconhece-se a coexistência de elementos aparentemente positivos nessa sacralização constitutiva do *ser crente* que passa a ser adotada pelos nordestinos migrantes em redefinição de sua identidade e de recuperação de autoestima. A nosso ver, isso casa perfeitamente com sua busca e valorização do grupo de pertença, que antes era manifesto pelos conterrâneos e familiares e passa a ser transferido para a comunidade religiosa; e, casa com a capacidade de empenho à sua conquista utópica transformada em estímulo individual e de apoio coletivo à superação. Ambos os aspectos também transformadores da solidão do migrante, que antes se extravasava nos locais de oferta de comidas, bebidas alcoólicas e danças típicas, mas que passa a acontecer na igreja, mediante o “acesso a um estado modificado de consciência sem necessitar o uso de álcool ou droga, apenas pelo êxtase e dons do Espírito”.⁶⁴

Diante disso, Spohr⁶⁵ afirma que há uma reorganização da vida do crente, pois ele é estimulado a participar ativa e efetivamente da comunidade religiosa, mesmo que seja sob a forma de dízimo e do comparecimento em todas as atividades possíveis; também se exige dele muita autoconfiança na sua capacidade

⁶³ TILLICH, 1974, p. 8; 12-13.

⁶⁴ MARIZ, Cecília Loreto. Mais-valia: o pentecostalismo e a emancipação das mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 12-14, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p. 13.

⁶⁵ SPOHR, Inácio José. Os pentecostais e a democracia da cultura religiosa brasileira. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 17-19, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2010. p.18

individual e uma atitude reivindicatória diante de Deus, não se conformando com situações de sua necessidade (emprego, saúde, matrimônio, etc.).

Opinião semelhante também é a de Correa,⁶⁶ que entende que essas pessoas *compram ordem na vida* (familiar e terrena como um todo) em contraposição à cultura de *favelização* (sujeira do espaço urbano, violência, dependência químicas, etc.), mesmo que através do dízimo, pois o mesmo traz esse bem mensurável sob a forma de conquista de emprego, abandono da dependência química (álcool ou drogas), alfabetização para leitura da bíblia, etc.

Já Mariz⁶⁷ destaca a influência na retomada dos casamentos constitutivos de famílias nucleares, entendendo-as como modelo bíblico, mas com mudanças nas relações de gênero, onde há um aparente rompimento do machismo tradicional relativizando o patriarcalismo, uma vez que é apresentada a diferença, do homem (provedor) e da mulher (cuidadora), mas em complementaridade de papéis, enfatizando-se a submissão de ambos a Deus, embora se cobrando mais do homem por ser o *cabeça* do casal, que ele priorize a esposa e os filhos ao invés dos colegas de bar, lazer e trabalho.⁶⁸

Machado⁶⁹ em posição semelhante, ainda acrescenta que há uma reconfiguração da subjetividade feminina, pois a educação da mulher é estimulada e fomenta-se a sua transformação em ator econômico, o que amplia seus limites de negociação nas relações sociais e afetivas.

Contudo, o tipo de inconformismo e reivindicação, a ordem a partir da compra, e a mudança na relação de gênero apesar de também se conciliarem perfeitamente com a busca utópica, a capacidade reativa, a resiliência, e o impulso à transformação da mulher em ator econômico, que os migrantes nordestinos já possuem naturalmente, não é propiciadora de aquisição de consciência em si, mas

⁶⁶ CORREA, Marcos Sá. Uma opção de vida mais organizada para os pobres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 19-21, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p. 20.

⁶⁷ MARIZ, 2010. p. 12-13.

⁶⁸ Lembramos que Naiá Duarte ficou conhecida como idealizadora do Espaço Mulher, que trata de mulheres que sofrem a violência doméstica nos lares evangélicos, e destaca o argumento do homem ser o *cabeça* da família, como entendimento distorcido de sujeição e opressão dos demais integrantes da família, principalmente da mulher em seu papel de esposa.

⁶⁹ MACHADO, 2010, p. 23.

instrumento de alienação. Há conseqüências positivas, mas pela motivação errada, distorcida, sem vivência real nem da cidadania, nem da fé.

Essa nova identidade é, de fato, a modernização e a urbanização do caráter utópico da religiosidade nordestina colonial, para adaptação a novo espaço, até mesmo quanto à disposição física, que da pequenez e simplicidade das igrejinhas do sertão, ganha a amplitude dos auditórios teatrais da cidade grande.

Assim, a mudança do tipo de espaço, do rural para o urbano pós-moderno, também tem sua influência sobre os indivíduos. Eles passam de uma contemplação rural para uma religião de práticas escolhidas individualmente, uma vez que a mesma muda de função ao deixar seu *caráter normativo*, de comando do espaço privado das pessoas; e passa a ter um *caráter compensatório*, de atender às necessidades e anseios individuais por consolo e realização afetiva, além de dirigida pela mídia. Daí, também, sua união com a estética e a perda da dimensão social da fé cristã, servindo ao Eu, o que também favorece a perda do *clericalismo* e fortalece a participação do *leigo* (evangelismo, reuniões de oração, grupos de estudo, etc.).⁷⁰

Por isso, entende-se que o migrante nordestino muda de uma comunidade religiosa de gestão episcopal para congregacional, ou seja, teoricamente mais democrática, porém, de cunho individualista e independente - oferecendo a liberdade pelo consumo da fé. A figura do sacerdote muda de intermediário entre Deus e os homens, para referencial de santidade e, conseqüentemente, de ascensão econômica,⁷¹ sendo o cumprimento dos hábitos e costumes determinados, sua afirmação de identidade – filho/filha de Deus (do Rei), cidadão do Reino dos Céus – e, portanto, única possibilidade de caminho para alcançar prosperidade⁷², sua *utopia* aqui, e já determinada na glória. Havendo qualquer perda ou dano no caminho, é impureza, é pecado oculto, pois Deus permanece ameaçador, e provocador de medo e não provedor da graça.⁷³

Deus se torna um meio e não o fim, pois de fato a questão não é a fé cristã; mas sim, o tipo de cultura desenvolvida e perpetuada, trocando-se apenas os meios, mas mantendo-se o fim – submissão e exploração político-econômica. Esta é

⁷⁰ LIBÂNIO, 2002, p. 54-57; 66.

⁷¹ MATOS, 2010, p.10.

⁷² IVO, Pedro. *Neopentecostalismo: dinheiro e magia*. Ilha [Periódico]: Revista de Antropologia, p. 71-85- Instituição: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí.

⁷³ TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. Trad.: Rute Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985. p. 176-177.

geradora de uma religião que precisa ser liberta da culpa e, que impossibilita a conscientização para uma cidadania legítima.

Nessa cultura os direitos civis, políticos e sociais⁷⁴ estão condicionados ao entendimento distorcido de conformidade (não são possíveis nesse mundo), esperança de libertação somente através de milagres (principalmente nos casos de curas físicas),⁷⁵ e de sujeição e inação diante de qualquer autoridade pública mesmo que corrupta ou tirânica (obediência à soberania de Deus; ex: Rm 13.1). Em especial, se for de pastores/líderes como atores políticos, que já detentores de uma *ética relativista e uma estética consumista*⁷⁶ aliadas à detenção de um império de comunicação, elegem (ou se elegem) deputados estaduais, federais e senadores,⁷⁷ alguns dos quais envolvidos em escândalos de suposta corrupção político-financeira.

Assim, diante de uma realidade complexa sobre o perfil socioeconômico e religioso do nordestino migrante das periferias de São Paulo, bem como as influências migratórias e principais características intrínsecas à formação e modificação de sua identidade como um todo, a proposição do aconselhamento

⁷⁴ CARVALHO, 2007, p. 9-10. Entenda-se como: direitos civis - direito a se dispor do próprio corpo, à locomoção, à segurança, à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, etc.; direitos sociais - atendimento às necessidades humanas básicas (alimentação, habitação, saúde, educação, etc.); direitos políticos - decisão do homem sobre sua própria vida, sua livre expressão de pensamento e prática política, religiosa, etc., incluindo a deliberação sobre os dois demais tipos de direitos.

⁷⁵ HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Ano 29, n. 1, p. 17-40, 1989.p.22. Observamos aqui, que a busca da cura física evidencia a carência ou deficiência do atendimento do direito social à saúde, do que põe em risco a vida, tão reconhecido no contexto brasileiro.

⁷⁶ ALENCAR, Gedeon Freire de. A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 15-17, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p. 16.

⁷⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. IURD: teatro, templo e mercado. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 26-29, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Márcia Junges. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p.28. Observamos que Campos se refere à IURD, mas destacamos que no cenário brasileiro existem outras igrejas e líderes cristãos evangélicos envolvidas em escândalos de suposta corrupção político-financeira, tais como a prisão do casal Hernandez, líderes da Igreja Renascer em Cristo, pela Polícia Federal brasileira e pela polícia de Miami, em janeiro de 2007; e, a “oração da propina” ocorrida no gabinete do governador do estado do Distrito Federal, protagonizada pelo deputado distrital Júnior Brunelli (PSC) e transmitida em cadeia nacional pela Rede Globo de Televisão, até dezembro/2009. Concordância encontrada em MACHADO, Maria das Dores Campos. O pentecostalismo e as mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 22-26, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010. p. 23.

cristão para desenvolvimento da cidadania junto a essas pessoas requer uma análise atenta ao próprio aconselhamento cristão atualmente existente. Se há disponibilidade ou não do aconselhamento cristão a este público em foco, e como melhor caracterizá-lo para que propicie a recuperação da identidade pessoal e cultural promovendo a integralidade humana, a fim de que realmente possibilite o desenvolvimento e conscientização e exercício da cidadania, para daí, então, refletirmos sobre possibilidades e conseqüências para os indivíduos e a igreja.

2. O ACONSELHAMENTO CRISTÃO JUNTO ÀS COMUNIDADES CARENTES URBANAS PAULISTANAS.

Falar em aconselhamento cristão dentro da realidade latino americana implica necessariamente em não negarmos a contribuição da vasta literatura e dos profissionais estrangeiros (europeus e norte-americanos), mas acima de tudo, de também reconhecer que o contexto das mazelas sociais do continente requer uma produção literária, acadêmica e de aplicação prática específicas.

Pesquisadores latinos americanos, homens e mulheres, com formação em teologia (incluindo missões), psicologia ou psicanálise, e experiência prática em cuidado e aconselhamento cristão às comunidades carentes, com produção acadêmica própria, ainda são poucos diante do tamanho das necessidades⁷⁸. No caso brasileiro, se considerarmos então a atuação prática das instituições religiosas, em especial nos grandes centros urbanos da região Sudeste, onde se concentram, o desafio torna-se ainda maior.

Dentre as instituições de denominações evangélicas pentecostais, principalmente as neopentecostais, algumas até possuem seus seminários próprios para o ensino de teologia, porém, não há obrigatoriedade em cursá-los para o exercício da liderança ministerial. A prática do aconselhamento ocorre esporádica e informalmente - quando ocorre - uma vez que predomina o entendimento de qualquer problema ser associado à existência de pecado oculto, opressão maligna ou provação, já que a realidade social não é vista como causadora do sofrimento humano. Assim, doença e miséria são frutos de fracasso e desobediência individuais, sendo que o aconselhamento confunde-se com a pregação e “tem uma função de tutelação na fé e está muito centrado no carisma individual dos líderes espirituais”.⁷⁹

⁷⁸ Queremos destacar, aqui, alguns nomes como: Pat Contreras Ulloa, Esteban Cortés Solís, Ronaldo Sather-Rosa, Jorge A. León, Sérgio Ulloa, Carlos J. Hernández, Edwin Mora Guevara, Lothar Carlos Hoch, Jorge E. Maldonado, Sidnei Vilmar Noé, Hugo N. Santos, Luis Cruz Villalobos, Sara Baltodano, James Ferris, Mireya Baltodano, Marlin Teresa Duarte Guillén, Daniel S. Schipani, Valburga Streck e Sérgio Ulloa Castellanos. E, complementando, sob a ótica da Missão Integral, destacamos: C. René Padilla, Samuel Scobar e Pedro Arana Quiroz; e do cristianismo de libertação: Jung Mo Sung, Frei Beto e Leonardo Boff.

⁷⁹ HOCH, 1989, p. 22.

Já as de denominações evangélicas de missões (protestantes) são as únicas que exigem a formação em seminários próprios ou a acadêmica em teologia, reconhecida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), para o candidato a pastor, o que inclui o aconselhamento como disciplina ou cursos de especialização, sendo que o mesmo em si é formalmente oferecido nas igrejas com foco no público interno (membros), com atendimento individual, ou quando muito de casais, e majoritariamente exclui a atuação de servidores laicos, e por isso denomina-se *aconselhamento pastoral* e não tanto pela *poimênica*⁸⁰ em si. A maioria dos pastores também ainda não possui a formação em psicologia ou psicanálise junto à teológica, e muitos as vêem distorcidamente como contrárias aos preceitos cristãos.

Mesmo havendo diversidade de denominações e grupos, predomina nesse meio a cultura estrangeira e burguesa implícita já mencionada – que no caso da região Sudeste é a norte-americana neoliberal – e que tradicionalmente promove um aconselhamento de preocupação com a orientação de pessoas em suas necessidades individuais, sem levar em consideração as diferenças socioeconômicas, culturais e religiosas, comumente também descaracterizado da função profética da fé cristã, de denúncia das injustiças sociais.⁸¹

Assim, é quase inexistente a presença dos protestantes e suas instituições religiosas nas periferias da cidade de São Paulo.⁸² Quando existente, além de se utilizarem na maior parte das vezes dos mesmos métodos tradicionais da cultura de origem, promovem uma doutrina salvacionista pela predominância de prática missionária; e com o agravante da dificuldade de aceitação de promoção de projetos sociais (que dirá promotores de cidadania) uma vez que os mesmos são interpretados como uma prática divergente do Evangelho, pois *só a fé salva*⁸³ e não as obras.

Trata-se a nosso ver de uma evidente distorção,⁸⁴ das palavras do apóstolo Paulo, por exemplo, em Rm 3.28, que percebemos ser instituída historicamente mais

⁸⁰ Do grego *poimen*, pastor, comumente utilizado como tradução de *pastoral care*.

⁸¹ HOCH, 1989, p. 26

⁸² JACOB [et al.], 2003, p. 69-73.

⁸³ BRAKEMEIER, Gottfried. “Sola Fide”: um princípio antijudaico? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.49, n 1, p. 7-41, 2009. p. 7-9.

⁸⁴ Uma referência a *Sola Fide* - um dos cinco pilares da Reforma - mas sobre o qual, segundo Brakemeier (2009, p.8), o próprio Lutero se opôs ao mal-entendido de a fé permitir a preguiça e dispensar o ser humano das boas ações, mas que as mesmas devem ser entendidas como consequência da justificação, pois a fé torna-se ativa no amor (Gl 5.6) e assim as realiza.

em função da oposição político-religiosa à igreja católica, acentuada na época da ditadura militar - cuja Teologia da Libertação intensificou a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) desde 1975 - do que uma preocupação legítima e conscientizada acerca tanto da doutrina da salvação e do Evangelho em si, como da realidade de exclusão social no país.

Igrejas que fogem a essas regras ainda são poucas, e em geral são vistas com preconceito, e chamadas de teologicamente *liberais*,⁸⁵ o que no Sudeste significa serem afastadas dos princípios originais de suas denominações e, portanto, do Evangelho.

Com relação à Igreja Católica constata-se que ainda é bem reduzido o número de sacerdotes que trabalham com o conceito ampliado de confissão para o de prática do aconselhamento, o que nos parece natural diante do caráter sacramental da penitência. Por outro lado, também, pela proposta da Teologia da Libertação, de foco no resgate da dimensão comunitária da práxis eclesial e de libertação em sentido amplo incluindo a esfera estrutural, o que naturalmente não permite considerar os modelos individualistas eclesiais ou psicoterápicos.⁸⁶

Assim, permanecem as CEB's e as diversas pastorais de reconhecimento internacional como o braço promotor de apoio junto aos pobres e excluídos em suas problemáticas diversas, e de conscientização em cidadania, porém com posicionamento político marcante e indutivo. Contudo, o 11º Intereclesial, realizado em 2005, na cidade de Ipatinga/MG, já expressou as dificuldades encontradas nas modificações em andamento, propostas pela Teologia da Libertação, quanto à falta de aprofundamento suficiente sobre economia, o Estado, os sujeitos individuais, as relações entre objetividade e subjetividade; além da admissão das *bases* serem o maior desafio,⁸⁷ uma vez que nelas “o discernimento das pessoas sobre as orientações teóricas se torna mais difícil”.⁸⁸

⁸⁵ Incluímos aqui algumas das igrejas/teólogos de São Paulo/SP simpatizantes da Missão Integral, conforme o entendimento da obra de René Padilha, a partir do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, de Lausanne, em 1974; mas, que ainda se encontram em debate a partir do eixo evangelização x responsabilidade social e, portanto, cuja ação consideramos em fase mais expressiva academicamente e não de prática efetiva de cidadania junto à população carente.

⁸⁶ HOCH, 1989, p. 24.

⁸⁷ WANDERLEY, Luiz Eduardo W. CEBs Uma viagem instigante! (Prefácio). In: BENINCÁ, Dirceu; ALMEIDA, Antônio Alves de. *CEBs: Nos trilhos da inclusão libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção comunidade e missão). p. 10-12.

⁸⁸ WANDERLEY, 2006, p.12.

A centralização com a Cúria Romana, agora afastada da ala progressista e retomando o tradicionalismo a partir da posse do Papa Bento XVI, também se tornou um dilema para os seus representantes eclesiais brasileiros entre o dever da obediência passiva e a democratização, sem falar no posicionamento consumista recém adquirido em reação ao neopentecostalismo; o que a nosso ver enfraqueceu e enfraquecerá a atuação das CEB's quanto ao caráter politizante para a cidadania, além do afastamento de líderes como Leonardo Boff, que permanece defensor da fé libertadora, porém, sem o apoio e a influência da instituição eclesial por detrás.

O tratado até aqui, sobre o aconselhamento cristão, nada mais é do que um retrato do que já fora denunciado por Hoch no 2º Encontro Nacional de Profissionais na Área de Aconselhamento Pastoral, Psicológico e de Saúde, realizado em Gramado (RS), em 1997,⁸⁹ acerca da negligência cometida pelas igrejas na América Latina, no que diz respeito à *poimênica*, ou seja, à dimensão terapêutica da atuação pastoral (*cura d'almas*), relacionada ao terceiro componente do ministério de Cristo, a compaixão e a cura (Mt 4.23; cf. passagens paralelas: Mt 9.35-36; Mc 1.39; Lc. 4.44). Segundo ele, o modelo de cristianismo protestante, foi de avivamento, de conversão, ou seja, centrado no púlpito; e o católico, hierárquico, sacramental e centrado em catequese, e negligenciado pela Teologia da Libertação. Assim, as camadas mais pobres da população, procuraram apoio e cura junto ao pentecostalismo e às manifestações de religiosidade africanas e espíritas em meio ao sofrimento em suas manifestações interiores e pessoais: doença, morte, perdas e problemas familiares.⁹⁰

Mas, para melhor entendermos a profundidade do que Hoch identificou, faz-se necessário recuperar o entendimento do sacerdócio geral dos crentes, como uma função da comunidade, o que foi associado pela própria Reforma teologicamente à eclesiologia, como esse autor⁹¹ também observou. Por isso a nossa persistência quanto ao uso do termo *aconselhamento cristão*, e o conseqüente relacionamento ao entendimento de igreja como *comunidade terapêutica*, e o de *cura* ao de *integralidade* da pessoa humana (bio-psico-socio-espiritual), conforme Hoch

⁸⁹ HOCH, Lothar Carlos. Comunidade terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 21-33.

⁹⁰ HOCH, 1998, p. 24.

⁹¹ HOCH, 1998, p. 30.

sugere⁹². Também encontramos concordância em Clinebell,⁹³ dentre outros pesquisadores e adeptos do entendimento da missão integral da igreja e do cristianismo de libertação.⁹⁴

Creemos que o desafio, então, é o de resgatar o caráter comunitário e terapêutico do aconselhamento cristão, o que significa em essência, para Hoch, “traduzir a boa nova do evangelho para a *linguagem de relacionamentos*”,⁹⁵ e daí, compreendê-lo em sua essência para aplicação à situação dos nordestinos na periferia de São Paulo.

2.1 O aconselhamento cristão junto ao migrante nordestino das periferias de São Paulo.

Falar de caráter *comunitário* e *terapêutico* do aconselhamento cristão, transformando a base teórica cristã em prática relacional junto aos nordestinos de São Paulo, implica automaticamente em se ter a ousadia da pretensão de mudança estrutural e sistemática, seja das instituições religiosas em si, seja de amplitude social – o que acaba por lembrar-nos da *revolução cultural* sonhada por Freire, e chamada de *inédito viável*.⁹⁶

Portanto, o ponto de partida entende-se ser a *conscientização* em meio à formação moral,⁹⁷ que embora faça parte do processo de socialização, como “interiorização de valores e condutas predominantes e seus significados propostos

⁹² HOCH, 1998, p. 25.

⁹³ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4 ed. de 1987. Trad.: Walter Schlupp e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 28-32.

⁹⁴ N.R.1.

⁹⁵ HOCH, 1998, p.26. Como esse autor destaca, a expressão *linguagem de relacionamentos* é de autoria de Reuel Howe, *apud* CLINEBELL, 1987, p. 14.

⁹⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p.154-156.

⁹⁷ MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 33-39. Aqui seguimos em concordância com MAY (2008, p.19), que distingue *moral* de *ética*, sendo a primeira referente ao conteúdo, ou respostas específicas aceitas como normativas para o comportamento, e a segunda, a maneira ou o processo de discernir a moral ou de como chegar às respostas específicas e por que. Ou seja, respectivamente as dimensões teórica e prática do discernimento moral.

por uma sociedade ou comunidade moral”,⁹⁸ cada indivíduo interpreta e adapta esses ensinamentos sociais de formas novas e próprias, podendo também ser pensada reflexiva e criticamente, e assim, pela vivência da *ética cristã*⁹⁹, mudar a sociedade da qual participam em seus diferentes papéis (familiar, profissional, religioso, etc.), pois

construímos nossas próprias relações individuais e coletivas segundo estruturas e sistemas criados por nós. Organizamos a economia e dividimos socialmente o trabalho. Usamos nossas classes sociais, nossas raças e nossos gêneros para distribuir o poder, determinar prestígio e proporcionar bem-estar. Aí é que entra a questão ética. A organização social implica diferenças na valoração de grupos de pessoas, valoração que, por sua vez, determina seu bem-estar ou mal-estar.¹⁰⁰

Assim, entendendo o ser humano como produto e produtor da sociedade, podendo conscientizar-se ou manter-se alienado da compreensão dos motivos por detrás de suas decisões e condutas, hábitos e costumes, é que concordamos com alguns teólogos e cientistas da religião,¹⁰¹ quanto à interdependência e coexistência relacional dos conceitos de *pecado individual e estrutural*, e a correlação precisa que May¹⁰² faz, sobre os termos bíblicos em grego, utilizados principalmente com sentido negativo por Paulo e João, para *mundo (kósmos)*, como ordem ou organização formada pelo pecado e não um lugar material por princípio; e *carne (sarx)*, corpo como humanidade corruptível e fonte do pecado. E, daí o *pecado (hamartia)*, como *errar o alvo*, comportamento de vida, para Paulo; sendo pecado, portanto, tudo o que rompe, distorce ou transgride a relação indivíduo – outro a adoecendo mais ou menos diretamente.

Com isso, torna-se evidente que a *alteridade*¹⁰³ é ponto fundamental ao tratarmos de *comunidade e conscientização*; e que a nosso ver, no caso do cristianismo, tem seus parâmetros relacionais considerados a partir dos dois grandes mandamentos, dos quais *dependem toda a lei e os profetas*, conforme o próprio

⁹⁸ MAY, 2008, p. 40.

⁹⁹ Segundo MAY (2008, p.20) é a ética que parte dos ensinamentos, das experiências, das tradições e teologias da fé cristã.

¹⁰⁰ MAY, 2008, p. 24.

¹⁰¹ Hugo Assmann, Jung Moo Sung, Gustavo Gutiérrez, Tzvetan Todorov, Roy, H. May, A. Libânio Cristo (Frei Beto), Gottfried Brakemeier, dentre outros.

¹⁰² MAY, 2008, p. 34-35.

¹⁰³ Entenda-se: o *outro*, a *outra*; a condição de ser outro (latim. *alter*).

Jesus de Nazaré declarou, sobre amar o Senhor Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e ao próximo como a si mesmo (Mt 22: 34-40; Mc 12:28-31; Tg 2.8; Rm 13:8-10; etc.). A *alteridade*, o *próximo*, para o cristão, então, revela-se em Deus e em todo e qualquer ser humano, vivente e por viver neste mundo (gerações futuras); devendo-se estender, enquanto respeito e responsabilidade mútuos, também, a outros seres vivos, à natureza, se considerarmos a dádiva que nos foi dada desde a criação de sermos seus cuidadores (Gn 2:15), mas também, responsáveis por seu padecimento (Gn 3.17; Rm 8:20-22), teológica e ecologicamente.

Diante disso, o entendimento de comunidade foge do conceito etimológico¹⁰⁴ comumente adotado pelas igrejas, de *comum* e *unidade*, ou seja, *unidade dos iguais*, que acaba por implicar em padronizar as relações em um sistema de ideologia coletiva e normas rígidas outorgadas, definindo os hábitos e costumes sob controle coercivo e corretivo que pouco a pouco se isola e distancia-se da realidade. Comunidade se aproxima do sentido bíblico de *Corpo de Cristo* (Rm 12; 1Co 12:12-26; Ef 4:1-16), onde a unidade se dá em torno e a partir da diferença (ou pluralidade) entre o indivíduo e alteridade, sendo saudável por promover o aprendizado de se relacionarem de forma equilibrada. Pode-se entender a diferença ou pluralidade, em termos de individualidades, gêneros, idades, etnias, profissões, origem geográfica, condição civil, etc.; e no caso, da prática de fé cristã, também pelos diferentes dons da manifestação da espiritualidade, da divindade através dos indivíduos; e o cuidado mútuo, ou seja, que tenha um caráter diaconal, de promoção da integralidade dos indivíduos no mundo contemporâneo buscando reumanizá-los.¹⁰⁵ Uma comunidade que tanto por si como por cada um de seus integrantes seja *sal na terra*.

Já a *conscientização*, processo reflexivo e crítico da moral, conforme apresentado anteriormente, embora dependa da consciência moral sumamente sujeita à cultura e idéias predominantes, poderá ser efetivada a partir do conhecimento e aderência (prática de vida) aos valores ou virtudes teológicas cristãs como amor, graça, misericórdia, justiça, e bem-estar, fundamentais da fé; cuja chave para o crescimento moral, nas pesquisas mais recentes, mostra serem as

¹⁰⁴ NOÉ, Sidnei Vilmar. Idéias introdutórias ao conceito de comunidade terapêutica. In: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. 2 ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005. p. 7-8.

¹⁰⁵ NOÉ, 2005, p. 10-11.

dimensões afetivas e relacionais, e tendo por elemento crítico a qualidade da compaixão e preocupação (*care*),¹⁰⁶ o terceiro componente do ministério de Cristo já mencionado. O que é evidentemente descrito, por exemplo, por Paulo em Rm 12.2, orientando à transformação pela renovação da mente.

Enfatizamos, portanto, a necessidade do desenvolvimento do tipo *contextualista*¹⁰⁷ de raciocínio moral, onde se considera a emergência da moral a partir de situações concretas, mesmo que haja ambiguidades a serem consideradas, mas que exatamente pelo seu dinamismo e flexibilidade permite a ação humana mais responsável, por considerar mais as relações e funções do que as normas e regras tendenciosas do legalismo e absolutismo; prioriza a alteridade e a vida, segundo Vicente Miranda.¹⁰⁸ Parte do critério de eficácia pela experiência, não se resolvendo nada de forma mecânica ou subjetiva, devendo-se, contudo, tomar cuidado com o relativismo.

Segundo o teólogo Míguez Bonino,¹⁰⁹ deve-se propor o amor para toda a decisão a ser tomada, pois a base do contextualismo remonta aos tempos bíblicos se tomarmos as palavras de Jesus, por exemplo, em Lc 14.5. Mas, o próprio May sintetiza que “o pensamento crítico aliado à compaixão e empatia são os elementos formais de que se compõe a ética [...] isso se aplica particularmente à ética cristã”, tendo na *parábola do bom samaritano* seu exemplo mais direto.¹¹⁰

Assim, para a situação dos nordestinos em São Paulo, que em linhas gerais baseia-se na exclusão social, na sobreposição de gêneros, e na migração para utopia socioeconômica aliada à deformidade religiosa, e considerando nossa experiência direta e diária com esse público, entendemos que o aconselhamento cristão com caráter comunitário e terapêutico, com a ética baseada na alteridade e contextualizada, deverá ainda considerar algumas peculiaridades imbricadas a partir do eixo principal da vida no mundo contemporâneo e da histórica nordestina em si: o trabalho.

¹⁰⁶ MAY, 2008, p. 34-35; 46.

¹⁰⁷ MAY, 2008, p. 64-70. Como o objetivo dessa pesquisa não é tratar a ética, apenas indicamos a partir desse autor, outros teólogos e filósofos que tem o raciocínio *contextualista*, desenvolvido em 1960, como referencial ético: teólogos da libertação, Germán Gutiérrez, Vicente Miranda, Míguez Bonino, Samuel Silva Gotay, etc.; e inclui outros teólogos e filósofos europeus como adeptos.

¹⁰⁸ MIRANDA, 1992 *apud* MAY, 2008, p. 67.

¹⁰⁹ BONINO, 1972 *apud* MAY, 2008, p. 68. Observamos ainda que ao citar Bonino, May não deixa de referendar Agostinho quanto ao tema do amor, como representante dessa corrente histórica da teologia.

¹¹⁰ MAY, 2008, p. 73.

2.1.1 O trabalho para o nordestino.

A questão do trabalho está no cerne da motivação do nordestino em migrar e no desenvolvimento de sua vida religiosa, e conseqüentemente nas relações familiares e redes sociais em geral. Sem a pretensão de adentrarmos uma discussão acadêmica profunda sobre o tema, mas visando compreender melhor a dimensão de importância e complexidade disso para o aconselhamento cristão, recorreremos ao entendimento primeiro do que significa o trabalho para o ser humano.

Segundo Hugo N. Santos,¹¹¹ doutor em psicologia e teologia prática, o que caracteriza o trabalho em linhas gerais e o diferencia de uma atividade qualquer é o fato de produzir algo que antes não existia, o que orienta seu sentido a partir da combinação de produção com reprodução para a satisfação de necessidades, e também, organiza as relações sociais. Dessa forma, estruturam-se os costumes, os ritmos e os hábitos do trabalhador e, também, da família; consistindo ainda em uma fonte de vínculos extra-familiares, afirmando a pertença social e ampliando os horizontes para além do próprio sujeito, o que torna o trabalho uma base importante para a realização individual e comunitária da pessoa; assim como para o bem de sua identidade, uma vez que satisfaz a autoestima e a valoriza pelo reconhecimento da capacidade de produção, pela própria pessoa e pela coletividade, o que inclusive tem o poder de suplantiar ou aliviar as carências afetivas.

Santos,¹¹² também nos mostra o contraponto existente na sociedade capitalista, onde a realização pessoal desaparece e toma lugar a mera conquista de um meio para ganhar um salário. Quando as condições de trabalho tornam-se precárias ou o trabalho em si escasso, mediante as necessidades os indivíduos sujeitam-se a quaisquer condições, abrindo mão de seus valores e padecendo de sofrimento moral, criando dentro de si a sensação de desconexão consigo mesmo com os demais (família, comunidade, sociedade, mundo). Posição esta, também concordante e entendida por fundamental pela psicóloga social Silvia T. Maurer Lane dentre outros pesquisadores dessa área, e reconhecida como *alienação* ou

¹¹¹ SANTOS, Hugo N.. Trabalho, desemprego e pastoral. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. p. 207-209.

¹¹² SANTOS, 2008, p. 212-215.

ausência de *conscientização*.¹¹³ O desemprego gera a perda de dignidade e, conseqüentemente, a perda de ideais e do sentido da vida.

Isso, ainda segundo Santos, afeta em demasia o gênero masculino, pois em nossa sociedade – e lembramos ser capitalista (de consumo de massa), e latino-americana (patriarcal e machista) - o homem baseia sua identidade na capacidade de prover o sustento da família, e quando está impossibilitado de fazê-lo, sente-se destituído de sua masculinidade, e faz qualquer coisa para não se apresentar sem dinheiro para sua mulher, sem autoridade perante os filhos. Já as mulheres, por terem seu gênero mais associado ao parir e cuidar tem sua autoestima menos abalada na situação de desemprego.

Opinião semelhante é a de Kirsch,¹¹⁴ cuja criteriosa e profunda pesquisa identifica a situação atual do homem no mundo como um estado de crise, de grande angústia, principalmente por não estar consciente de ser, tanto na saúde física como na psíquica mais frágil do que a mulher, o que lhe é ocultado e inversamente difundido pelo próprio sistema patriarcal. Ele destaca que a ruptura mãe-filho, está acontecendo cada vez mais cedo, e normalmente marca mais profundamente a identidade masculina com relação à separação, o medo da intimidade e a dificuldade com relacionamentos; além de culturalmente haver por princípio a preocupação e a cobrança da heterossexualidade dos meninos desde cedo. Em termos junguianos, o resultado é a não integração da *anima* e até mesmo o seu combate; além do acréscimo da repressão da transparência dos sentimentos, que são erroneamente associados à mulher e, portanto, sinal de fraqueza.

A ausência da figura paterna,¹¹⁵ distante emocionalmente ou castradora e punitiva, que ocorre desde a industrialização, também entrou em colapso, o que promove a perda do elemento limitante e positivo da função, tornando os indivíduos mais propensos à massificação, pela falta ou distância de referencial normativo, o que também é transferido para a relação com Deus, mediante a relação de culpa e

¹¹³ Para conhecimento elementar da autora, recomendamos:
LANE, Silvia T. Maurer. *O que é psicologia social*. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 87 p. (Coleção Primeiros Passos; 39)

¹¹⁴ KIRSCH, Dieter. A Crise do Masculino: análise e perspectivas de solução. In: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. 2 ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005. p. 57-60.

¹¹⁵ KIRSCH, 2005. p. 61-62.

angústia. Com a chegada de um primeiro filho, instala-se a distância e a crise no homem, que passa a sentir-se um intruso na família, e supérfluo para a mulher.

Com o desemprego e mais a crise histórica do masculino, a vida conjugal pode dar lugar às censuras, acusações e violências se a desvalia pelo fato do homem ser sustentado pela mulher chega ao ponto do mesmo passar à busca de poder sobre o outro na forma de subserviência, como na relação senhor-escravo; a dualidade da agressão que transmite poder e força, mas que sente o temor da autonomia e do abandono do outro. Para os filhos, consequências diversas podem surgir desde o ignorar da autoridade do pai, até a evasão escolar e absentismo por causa de migração, ou a queda do rendimento escolar por trabalho informal ou desafeto.¹¹⁶

Pensando nos nordestinos à luz dessa realidade acerca da importância do trabalho, e de sua contrapartida o desemprego ou o subemprego, temos de considerar toda essa complexidade mais agravada uma vez que esses indivíduos vêm do meio rural, da atividade de cultivo e criação de subsistência, onde todos os integrantes da família se dedicam desde a infância, para o bem comum; onde a única meta é conseguir garantir a alimentação diária sem tecnologia, mas subordinados às forças da natureza; onde para eles o estudo não faz diferença, mas a tradição oral e a da prática do fazer, sim.

O lazer é, quando muito, uma festa folclórica ou religiosa, onde a música é a manifestação de sua produção artística, de sua alegria e criatividade na melodia, e de sua diversidade étnica e resistência nas letras que as compõe; e ocorre em um lugar onde todos se conhecem e convivem. Já a comida e a bebida são a materialização de sua capacidade produtiva e da satisfação de Deus para com eles, pois a fé delinea a meta de vida, de sobreviver, pela misericórdia do Deus controlador da mãe natureza, portanto, o Senhor-Pai que determina o destino e com quem não se discute.

Em meio à necessidade, qualquer pedido tem de ser pelo intermédio dos santos que conhecem a dureza da vida, pois foram gente, mas de valor, e por isso estão no Alto, e podem interceder junto a Deus. Mas, se a intercessão for pela Nossa Senhora, referencial materno, de quem cuida e pode mandar Nele, por ser

¹¹⁶ SANTOS, 2008, p. 221-223.

mãe do Deus-filho, mesmo que negra, o pedido não será recusado. Tudo como os mais velhos ensinam há décadas, e cujos conselhos são valorizados e procurados.

O aumento da família é compreendido, portanto, como continuidade de sua história, de perpetuação pelo aumento de mão-de-obra e pela força da masculinidade do *pai-patrão*; e a mulher é a companheira que trabalha junto, na roça ou em casa, empenhando-se em parir e cuidar dos futuros recursos humanos, que já há algum tempo recebem o fortalecimento pela Pastoral da Criança; e, também, o encaminhamento para a escola, mas ainda acrescido da roça no contraturno.

A possibilidade de trabalho em São Paulo já é conhecida há décadas, e vários conterrâneos já *enricaram*¹¹⁷ e voltaram para montar um pequeno negócio ou permanecem *fichados*¹¹⁸ na cidade, ganhando bem e mandando dinheiro para a família, principalmente, para os pais idosos que cada vez mais têm todos os eletrodomésticos de última geração em casa. A conquista da melhoria de vida nessa fascinante cidade não é apenas um mito, é uma verdade sobre sucesso e *glamour* na cultura de origem, e basta entrar em contato com algum conhecido ou parente (irmão ou primo) para conseguir uma chance.

2.1.2 O nordestino para o trabalho.

Quando chegam à cidade de São Paulo os nordestinos caem no maior e mais intenso meio urbanizado do país, onde carne e vegetais encontram-se somente no mercado, e não há onde cultivar e criar. O conhecimento tem de ser aprendido e sua tradição oral e a prática de nada servem, a não ser para partilhar a saudades entre os conterrâneos ou para a vivência da desvalia pela alteridade nativa, muito mais estudada e, portanto, desenvolvida, e que passa a ser a meta de alcance pessoal.

¹¹⁷ Em nosso convívio com os nordestinos de São Paulo tornou-se comum ouvir essa palavra para descrever a pessoa que consegue emprego e junta dinheiro, o que já é sinal de riqueza para eles.

¹¹⁸ Entenda-se com registro em carteira de trabalho.

Diante da saudade que é intensa no início, e da inocência, os amigos e parentes apresentam os locais de comida e dança típicas, as casas do norte onde achar o coentro e o feijão de corda, dentre outros locais já integrados à cidade, e principalmente acompanham e ensinam a como se locomover de ônibus e metrô com o *bilhete único*, como tirar a carteira de trabalho e ligar de celular pré-pago caso se perca; e como evitar confusão (beber no trabalho, assaltos, brigas na comunidade, amizade com traficantes, drogas e namoros com pessoas erradas – moças, parentes de traficantes ou pertencentes ao narcotráfico – dentre outras coisas).

Aprendem logo que tudo se move em função do dinheiro e não da amizade: a subsistência, o lazer e até Deus, que é Pai, de Jesus, com mãe destituída, e que por isso, só aceita a troca de dinheiro pela benção. Para trabalhar não pode ser idoso, que então, não serve mais para nada; nem criança porque é proibido, e acaba dando é só trabalho, por ser uma boca a mais para alimentar; e a solução é que fique dentro de casa, cuidando dos demais. Os serviços públicos de creche, escola, posto de saúde e hospital ao menos existem, mas o nome do indivíduo é só uma organização de chamada, e não uma pessoa com história.

Ainda assim, o crediário ajuda a comprar, e sendo homem ou mulher, pode-se inventar a comercialização de qualquer coisa, em qualquer parte da cidade. Pode também prestar-se ao serviço doméstico ou qualquer outro que exija pouca ou nenhuma formação, limitando-se apenas à fala e aos esforços físicos, como na construção civil, na faxina, portaria de prédios, etc. A prioridade não é mais manter a família junta, pois o trabalho não depende disso, e muitos jovens vêm exclusivamente para juntar dinheiro, montar uma casinha no nordeste e casar com a namorada que ficou lá esperando; e caso demore muito, ela vêm para São Paulo também ou rompem o compromisso.

A mulher nordestina passa a experimentar a independência financeira e a liberdade de ir e vir em um meio geográfico demasiadamente grande, sem controle de sua vida pelos mais próximos, e podendo ser reconhecida em sua feminilidade e sexualidade por outros homens além de seu companheiro; parir é uma escolha. A possibilidade de livrar-se de um companheiro é maior e mais fácil de acontecer, e mesmo continuando a ser a responsável pelos filhos, percebe que pode escolher

não viver sob o jugo de vícios e da violência familiar, embora em casos extremos não tenha a condição psicológica de fazê-lo.

Nessa transição, um novo companheiro até assume a prole, mas faz questão de marcar seu território como novo homem e chefe da casa tendo um filho seu o que para a mulher – embora saiba bem como evitar a gravidez a despeito de comumente entenderem-na como ignorante. Também serve para garantir a provisão sem depender dela, além de fortalecer sua feminilidade (ser mulher sedutora) e suposta fragilidade e dependência do companheiro, ao menos por um tempo. Esse tempo pode ser exatamente o da gravidez quando o companheiro sente-se desvinculado e, procura novo consolo. Depois do terceiro filho, a mulher nordestina tende a procurar a operação (ligadura de trompa), e se preciso, junta dinheiro e volta para o Nordeste, pois lá a cirurgia no hospital público ocorre mais rápido; mas, retorna a São Paulo.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho informal ou de baixa renda é mais fácil, pois já possui naturalmente a maior parte das aptidões necessárias para costurar e fazer crochê, limpar uma casa, cuidar das roupas, de crianças e da alimentação de outros. Entendemos que isso colabora para sua autoestima, embora gere a contrapartida do distanciamento da convivência com seus próprios filhos, e por isso mesmo, a sobrecarga em sua rotina. Também é mais predisposta a estudar, a fim de melhorar suas possibilidades de trabalho, e por tudo isso, se integra mais facilmente ao meio, e ao entendimento do pensamento dos filhos que nascem já desterrados e na nova cultura. O sonho da família – entenda-se: aqueles que vivem sob o mesmo teto - passa a ser o da casa própria, primeiramente em São Paulo, depois no Nordeste, na cidade natal.

Já o homem, torna-se o eterno filho-marido, que quando perde uma mãe-mulher já segue para outra, é mais arredio à participação em uma igreja evangélica, preferindo não freqüentar nenhuma ou manter sua ligação particular com a padroeira, que mãe e santa o compreende e protege como a *mainha* fazia. Normalmente ele mantém o compromisso primeiro de mandar dinheiro para os pais idosos, mesmo que tenha uma companheira.

Os filhos que nascem em São Paulo, estudam, aprendem a usar computadores, e têm por meta chegar à faculdade ou conseguir um emprego bom; ou, soltos na rua e carentes, encontram nos traficantes a proteção física, a atenção

valorativa e as necessidades atendidas de um tipo de pai que nunca tiveram. As filhas estudam mais e, caso já sejam crentes, procuram casar com alguém da igreja assim que terminam o ensino médio, correndo o risco de não trabalharem mais e logo terem seus filhos.

Se alguém virar *crente*, a intervenção dos santos desaparece, pois são culpados pelos vícios já que estão por detrás das festas e o trabalho só depende da força de vontade do indivíduo e não da força da natureza; e daí, não se mistura mais. Só anda com os irmãos da igreja – seus iguais em superioridade, apesar dos laços de família ainda se manterem fortes.

Um novo vocabulário, ou mesmo linguagem, passa a ser incorporado ao seu, bem como as vestimentas, para confirmar a seriedade do compromisso (e proteção em meio à violência da comunidade), embora estas últimas sejam semelhantes às dos pais e idosos, ou às das autoridades que conheceram de meninos, no Nordeste: mulheres de saia e cabelos longos, rosto sem maquilagem, com peso acima da média (corpo de mãe e boa cozinheira; mulher sem o pecado da vaidade), disputando receitas nos eventos da igreja e uma liderança em um grupo de oração e profecia. Os homens de terno e gravata aos finais de semana, como um chefe, como o patrão que um dia vão ser; e andando a frente da família que *pastoreia* com autoridade, e pune se o desobedecer; se solteiros, procuram uma esposa qualquer na igreja, para não caírem em pecado.

A meta diante da família é converter os parentes, e mostrar que o sonho de consumo alcançado só é possível se negarem seu passado, seu grande pecado – sua cultura - razão dos vícios dos homens distantes do exemplo de Jesus, do emprego e da casa própria negados por Deus por castigo ou maldição, da negligência da maternidade e das traições que denunciam a influência do diabo. Emprego é progresso, progresso é sinal de agradar a Deus; as dificuldades com os colegas, que sempre se repetem, são perseguição por não aceitarem sua verdade.

Em linhas gerais, os principais referenciais de identidade do nordestino lhe são confundidos (deformados), ou menosprezados, desconsiderados. Meios de fuga tomam o lugar que antes era referencial de cultura, pois a pinga consola e surge o alcoolismo pelo desgosto e não pela farra; o forró convida ao sexo sem compromisso e desmantela a família, pois mulher não precisa de homem para sustentar e seus filhos ficam na escola ou em casa; o cabelo esticado e tingido tenta

disfarçar a origem que a boca denuncia ao falar, e que passa a ser a língua mãe dos filhos da patroa; se viram *crentes* o passado tem de ser negado.

Curiosamente, ficam contentes de reconhecer que os paulistas adotaram algumas *coisas do seu Nordeste* também: o forró, só que para universitários; o *escondidinho* e o bolinho de aipim (mandioca) com recheio de carne seca, mas em bares e restaurantes finos; a pinga que agora tem grife, mas essa só gente rica toma; dentre outras proezas gastronômicas, musicais e étlicas da noite paulistana. Por outro lado, o nordestino ignora que ergueu a cidade de São Paulo por ser a maioria da mão-de-obra da construção civil (pedreiros, pintores, marceneiros, encanadores, etc.). Ignora que é o maior responsável por seu funcionamento diário, pois está na base da prestação dos principais serviços públicos e privados do setor de alimentação, segurança, transporte, limpeza, telemarketing, dentre outros. Também não sabe que já foi detectado como sendo o atual paulistano típico, pelas gerações de filhos e netos já nascidos em São Paulo,¹¹⁹ lugar ocupado pelos italianos até meados dos anos 80. Assim, o nordestino é força motriz de trabalho, face da cidade, mas desvalorizado e desprezado para que não tome conhecimento disso; o que se torna o aspecto central de um aconselhamento cristão que possa atendê-los.

2.2 Referenciais aplicativos para o aconselhamento cristão junto ao migrante nordestino das periferias de São Paulo.

Diante da importância da questão do trabalho para o mundo pós-moderno e para a história do nordestino, a aplicação do aconselhamento cristão se depara com o desafio de tratar a dificuldade individual e de grupo de pertença quanto ao (re) conhecimento do valor da identidade cultural original e da aculturação sofrida e causada.¹²⁰ Consequentemente, também deverá tratar do sofrimento moral pela

¹¹⁹ BORGES, 2007, p.14.

¹²⁰ BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Silvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 273 p. (Coleção Psicologia Social - Inconsciente e Cultura). p. 32-35.

crise de valores; de uma autoestima deficiente e parte fundamental do histórico do *ser nordestino migrante*, e aliada ao preconceito e à exclusão social.

Quanto à família, deverá tratar da crise de identidade de gênero e da descaracterização das funções maternas e paternas decorrentes, bem como da relação conjugal e a da família estendida; da confusão no reconhecimento dos papéis familiares em suas responsabilidades e direitos entre as gerações, acrescida da diferença de assimilação de cultura e de aculturação; da possibilidade ou já existência de violência doméstica. Conseqüentemente, também, da dependência química; da descaracterização do significado de trabalho e produção, de necessidades e desejos; além da formação educacional deficitária ou mesmo inexistente; da distorção ou mesmo ausência da educação cristã para a base do conhecimento dos valores e da ética cristã. Esse último, principalmente para ruptura de alienação e conseqüente conscientização também em cidadania, onde direitos e deveres deixarão de ter origem atribuída ao sobrenatural e passarão a ser atitude de vida, escolha de reivindicação e de acato para o bem comum.

Diante de tal panorama, é indiscutível a importância do enfoque sistêmico da visão estrutural e integral da ecologia social, que contextualiza os seres humanos no ambiente social em que se apresentam e assim, podem-se identificar as problemáticas humanas inter-relacionadas, e como elas afetam as pessoas em situação de exclusão social de forma mais ampla.¹²¹ Também se deve considerar o que Gutiérrez¹²² afirmou incisivamente sobre a necessidade premente da rejeição do dualismo entre reino espiritual e reino secular, uma vez que há somente uma história na qual o mundo secular e o espiritual são igualmente importantes e simultaneamente influenciadores um do outro.

Complementando essa base, ao que já tratamos sobre o caráter *comunitário* e *terapêutico* do aconselhamento cristão, e da *conscientização* a partir da *ética contextualizada* e do relacionamento com a *alteridade*, da coexistência do *pecado individual e estrutural*, torna-se desnecessário explicar a implicância do atendimento, ou melhor, do acompanhamento ser individual e, paralelamente de grupo (nordestinos migrantes em situação igual), bem como o objetivo de tornar cada

¹²¹ BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. p.195-197.

¹²² GUTIÉRREZ, 1977 *apud* BALTODANO, 2008, p. 198.

indivíduo agente ativo e construtor de sua própria história, vencendo o autodesprezo pela fala¹²³ e pelo diálogo com o outro e a superação coletiva da situação de opressão pelo *empoderamento*. Para tanto, a promoção da esperança (Rm 4.18) pelo evangelho é vital, mas a partir da realidade¹²⁴ e não da utopia de um mundo idealizado e de futuro por vir (a “Glória”); e de forma questionadora e não diretiva.

Com isso, identificamos cinco referenciais aplicativos, que entendemos ser fundamentais ao aconselhamento cristão junto aos nordestinos, e que têm sua origem em suas próprias características, a saber:

- a) *A existência da tradição oral pelo baixo nível de estudo e como prática de preservação cultural entre gerações, e a preservação do relacionamento conterrâneo*: facilitam a adoção da prática da narrativa sob a forma de análise crítica das histórias de vida, bem como a coesão e integração dos indivíduos na formação de grupos de trabalho sob essa perspectiva, e em constante diálogo. Implicará, portanto, na formação de indivíduos *multiplicadores* do processo de conscientização e libertação, em cada faixa etária e, também, de forma *intergeracional*.
- b) *O trabalho como tema central da história de vida do indivíduo e do grupo*: propicia a emergência natural dos demais temas - gênero, família, migração (cultura), religião e pobreza – a partir do foco em relacionamentos e pela valorização da pessoa (*Imago Dei*), para tratamento das problemáticas identificadas. Assim, portanto, exige *transdisciplinaridade*.
- c) *A criatividade, a festividade e a musicalidade*: facilitam e estimulam a aceitação de técnicas “não assistencialistas nem diretivas, menos conceituais, mais expressivas e corporais”.¹²⁵ Permite a prática fora do ambiente institucional, do gabinete de atendimento, e obriga-nos a aplicação de técnicas interativas, dinâmicas e criativas; convida-nos a fazer parte da vida

¹²³ BALTODANO, 2008, 201.

¹²⁴ BALTODANO, 2008, 202-203.

¹²⁵ BALDONADO, 2008, p. 203.

familiar desses indivíduos, visitando-os na intimidade de seus lares, ao mesmo tempo em que nos liberta de ter de condicioná-los em formatos estrangeiros e não populares, tanto de aconselhamento como de psicologia terapêutica ou psicanálise. *Íntimo* para com os indivíduos e suas famílias; mas, *comunitário* em meio ao grupo de pertença e aos demais indivíduos da sociedade. Dentre as técnicas voltadas mais à coletividade (família, grupos de trabalho e sociedade como um todo), e que integram todos os itens abordados, enfatizamos a do *Bibliodrama* e a do *Teatro do Oprimido* como as que mais englobam os referenciais aplicativos aqui abordados.¹²⁶

- d) *A persistência, o inclusivismo conterrâneo, e o otimismo fervoroso*: apesar da problemática da relação utopia x religiosidade, essas características podem ser devidamente trabalhadas a favor do desenvolvimento da resiliência na superação de traumas e vícios, e no desenvolvimento do grupo conterrâneo como rede terapêutica de apoio, para transformação em comunidade terapêutica enquanto igreja. O que nos possibilita pensar em uma ação *transeclesialística (para acolhida da migração)* e *transregional (para migração de retorno)*, onde a visão de Reino de Deus supere as barreiras denominacionais, que priorize de fato as pessoas e não a multiplicação das instituições.
- e) *Riqueza de semelhanças do contexto de vida rural do nordestino, do ser migrante, com o do povo bíblico*: permite a utilização de paralelismos e de associações mais compreensíveis das parábolas e narrativas bíblicas, assim como dos próprios ensinamentos de Jesus descritos nos evangelhos, em especial pelo vocabulário (vinha e videira, semeador e semente, plantação, árvore e fruto, sal-tempero-preservação de carne, luz e candeeiro, migração para a

¹²⁶ Para um melhor entendimento da relação das técnicas mencionadas com nossa pesquisa, sugerimos: ROESE, Anete. *Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 147 p.
BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 303 p.
_____. *200 exercício e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 123 p.
_____. *Técnicas Latino-Americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário*. São Paulo: Hucitec, 1975. 165 p.

terra prometida, trabalhadores, etc.); mas também pelo tipo de vida, relações familiares, exílio e migração, opressão político-econômica, opressão e manipulação da liderança religiosa e o legalismo, multiculturalidade, sincretismo religioso, etc. Implicará, portanto, um aconselhamento *multifacetado*, onde a ação cristã seja integrada: evangelização, discipulado, cuidado e fortalecimento (oração), etc.

Enfim, propomos que se faça um aconselhamento cristão que seja um processo de reeducação de vida, de ruptura da *educação bancária*¹²⁷ a que todos nós, inclusive as instituições religiosas, estamos submetidos e que nos tem custado a própria integridade da prática de vida cristã, da prática do Evangelho de restauração e potencialização integral dos indivíduos e, portanto, do grupo social, do país no qual cristãos se orgulham de ser maioria, mas essa exata maioria não tem feito diferença de forma positiva; nem junto aos nordestinos. Logicamente, que essa aplicação que propomos e que entendemos como reeducação de vida, terá seu sucesso relacionado à pessoa do conselheiro, ao menos inicialmente, até que se tenham os primeiros multiplicadores dentre os próprios nordestinos migrantes.

2.3 O perfil do conselheiro cristão junto ao migrante nordestino: cuidador, facilitador, capacitador, discipulador e educador.

Os cinco referenciais aplicativos acima apresentados sintetizam o perfil do aconselhamento cristão adequado como sendo intergeracional e propiciador de indivíduos multiplicadores, de visão interdisciplinar, íntimo e comunitário, transeclesiástico e transregional, multifacetado; ou seja, causa um grande estranhamento ou mesmo rejeição por parecer um tanto complexo, e por isso, impossível de ser aplicado.

¹²⁷ FREIRE, 2005, p. 65-87.

Certamente, não poderá ser experimentado por um único conselheiro isoladamente, nem tão pouco, se permanecermos com a prática percebida e condenada por Schipani,¹²⁸ comum no meio protestante tradicional da região Sul do Brasil e emergente na Sudeste, e de nossa concordância, que tornou o aconselhamento cada vez mais especializado, praticado e ensinado como se fosse meramente uma subdivisão dentro da área psicoterápica. Segundo ele, é um paradigma clínico-médico por depender em demasia de teorias psicológicas individualistas e teologias e filosofias baseadas no existencialismo, o que além de ter um fundamento teológico inadequado, não oferece suficiente atenção e envolvimento com o contexto histórico-cultural e eclesial no qual o ministério do cuidado ocorre. Contudo, observamos que por contexto eclesial entendemos a igreja espiritual (comunidade de cristãos) e não necessariamente a institucional.

A recuperação necessária então, é que o aconselhamento volte a ser centrado em Jesus Cristo como sabedoria de Deus encarnada e ancorado nas Escrituras; “sendo visto, praticado e ensinado como forma singular do processo recriador guiado pelo Espírito”,¹²⁹ sendo sua manifestação na pessoa dos conselheiros, como “modelo tríplice de visão, virtude e vocação”¹³⁰ e orientado para o Reino de Deus. O que a nosso ver não impede o uso de práticas não convencionais, nem de técnicas da psicanálise ou psicologia, ou de outras disciplinas, conforme já descrevemos. O importante a ressaltar aqui é que o conselheiro seja fundamentalmente uma pessoa com conhecimento teológico bíblico e vocação para cuidador; não necessariamente reconhecido por instituição religiosa com o cargo de pastor.

Lembramo-nos aqui das recomendações de Clinebell¹³¹ da importância dos próprios conselheiros cristãos se submeterem à psicoterapia individual ou grupal, e manterem as práticas das disciplinas espirituais da oração e da meditação para seu avivamento contínuo; e, quanto ao aprendizado, além da teologia, a disciplina de estudo e atualização constantes e fundamentalmente sobre: crescimento e desenvolvimento normal da personalidade (inclusive psicologia infantil, adolescente e adulta; e de gênero), dinâmica, enriquecimento e aconselhamento de matrimônio e

¹²⁸ SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. Tradução Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 10.

¹²⁹ SCHIPANI, Daniel S., 2003. p. 74.

¹³⁰ SCHIPANI, Daniel S., 2003. p. 75.

¹³¹ CLINEBELL, 2007. p. 412-415.

família (incluindo identidades, papéis, ciclos, etc.), dinâmica de grupo, psicopatologia (psicologia anormal), métodos de aconselhamento individual, grupos de crescimento e métodos de aconselhamento grupal, personalidade e culturas.

Mas, se nos referimos a um aconselhamento que prepare multiplicadores dentre os atendidos, até que isso ocorra deve-se pensar em uma dupla de conselheiros: havendo um preparado para lidar com grupos comunitários e outro com famílias (incluindo cada indivíduo);¹³² contudo, ambos deverão estar conscientes de ter uma postura de facilitadores ao longo do desenvolvimento de consciência do grupo e da família para que seus integrantes adquiram independência legítima.

Isso aproximará os conselheiros, também, do perfil de educadores, segundo Paulo Freire, principalmente no que diz respeito aos saberes dos educandos à exigência da criticidade e rigorosidade metódica (o proporcionar de ambiente e metodologia questionadores), à corporificação das palavras pelo exemplo, à aceitação de risco e do novo, não só quanto ao reconhecimento como também a assunção da identidade cultural.¹³³ A nosso ver, isso se assemelha totalmente ao proceder de Jesus Cristo com seus apóstolos, e conseqüentemente, agregando ao perfil desses conselheiros o ser discipulador e capacitador para preparação de futuros conselheiros dentre os próprios nordestinos atendidos, e também à medida que se identifique a vocação em alguns dos indivíduos.

Logicamente, ao relacionarmos o tema trabalho aos de gênero, família, migração (cultura), religião e pobreza, de forma a valorizar a *Imago Dei* nos indivíduos, um bom nível de conhecimentos gerais será fundamental por parte dos conselheiros; mas principalmente para, na medida em que as problemáticas pessoais e grupais forem emergindo, o mesmo possa contar com uma rede de apoio de profissionais das áreas de direito (advogados civis e trabalhistas), psicologia, psiquiatria, clínicos gerais e especializados, assistência social, dentre outros.

Outro aspecto importante é o de que os conselheiros sejam preferencialmente também cristãos e desejem colaborar voluntariamente, ao menos

¹³² Aqui sugerimos a capacitação em grupos terapêuticos, ou em psicologia, de preferência, social comunitária; além da teologia. Acreditamos que os conselheiros de famílias sabem lidar com os indivíduos em sua singularidade, para questões específicas.

¹³³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p. (Coleção Leitura).

forneendo informações básicas mais específicas de suas áreas, que não sejam de conhecimento dos conselheiros; pois, a partir de nossa experiência prática com nordestinos das periferias de São Paulo, quase todas as problemáticas envolvem direitos e deveres civis, políticos e sociais, ou seja, a necessidade de conhecimento e exercício da cidadania.

É interessante pensar, também, na constituição e interação de um grupo semelhante (conselheiros e apoiadores) no nordeste para recepção do retorno de migrantes do grupo trabalhado em São Paulo, e também, preparar o crescimento e a libertação dos indivíduos já em sua região de origem, como trabalho preventivo.

Creemos ser até redundante afirmar que é uma premissa básica para os conselheiros a experiência de interação com a realidade de populações em situação de risco social, e o comprometimento com a causa dos migrantes nordestinos (incluindo o conhecimento básico dos aspectos culturais – hábitos e costumes, folclore, comportamentos, etc.). A proposta geral, enfim, é a de no mínimo uma dupla de conselheiros, com um grupo de apoio diversificado, de cristãos que tenham a visão de priorizar os indivíduos e não as denominações nem as instituições religiosas correlacionadas, que desejem de fato vivenciar o amor ao próximo, vendo nesses nordestinos os pequeninos irmãos de Jesus a quem ele disse que se fizéssemos qualquer coisa estaríamos fazendo ao próprio Cristo (Mt 25.35-46; cf. Is 58.7).

Certamente todo o tratado até aqui, exigirá tempo até que mudanças possam ser efetivamente identificadas, tanto na vivência da fé cristã legítima, libertadora, como principalmente seus efeitos no surgimento da conscientização em cidadania, que certamente implicará uma nova forma de ser para os indivíduos cristãos e para a Igreja. Poderemos, contudo, vislumbrar limites e perspectivas futuras.

3. ACONSELHAMENTO CRISTÃO E CIDADANIA BRASILEIRA JUNTO ÀS COMUNIDADES CARENTES URBANAS.

Ao tratarmos um aconselhamento de proposta conscientizadora em cidadania junto aos nordestinos migrantes, ainda que se reconheçam as contribuições positivas da Teologia da Libertação no histórico brasileiro, tanto de fé como de cidadania, entendemos que a opressão vai muito além da sócio-econômica. Assim, o aspecto politizante (conscientizador) da fé cristã não pode ser limitado ao político, principalmente se instigar à luta de classes e revolução armada¹³⁴, mas sim, entendido do ponto de vista da existência humana como um todo, uma vez que oprimidos e opressores sofrem da mesma alienação.

Isso se pudermos admitir enquanto cristãos, que não apenas os menos favorecidos das comunidades carentes sofrem as consequências do neoliberalismo e da pós-modernidade, enquanto violência, corrupção, individualismo exacerbado, etc.; pois,

o que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da `domesticação`. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.¹³⁵

Assim, diante da complexidade dessa tarefa, delineamos referenciais aplicativos para o aconselhamento cristão ao migrante nordestino das periferias de São Paulo, porém intentamos propor à integração com o método da investigação temática de Paulo Freire, como em parte desenvolvido como método para uma

¹³⁴ Não estamos atribuindo à Teologia da Libertação em si esse caráter puro, embora de essência marxista, mas reconhecemos a contaminação na aplicação prática, a partir de alianças com grupos diversos, em nome dos menos favorecidos.

¹³⁵ FREIRE, 2005, p. 59.

leitura teológica por Espírito Santo,¹³⁶ para que de fato seja trabalhado o alcance da cidadania. Essa intenção vem pelos aspectos principais, respectivamente, de visão *poimênica* de tarefa da comunidade cristã com o de crença na liberdade e no povo como processo democrático legítimo, pois se entende como fundamental

[...] a importância da história do indivíduo, que não pode ser vista como algo isolado, mas deve ser inserida numa narrativa maior; por isso deve-se entender que ela faz parte de uma estrutura de tempo maior. O estudo das narrativas locais, bem como das narrativas das culturas mundiais, possibilita um diálogo entre a narrativa cristã e as narrativas do mundo pluralista. Isso permite que surja a verdade do evangelho, que é testada através da fusão desses horizontes e necessita da sequência do passado, presente e futuro. [...] Ao mesmo tempo, a busca pela fusão dos diferentes horizontes ajuda a elaboração de uma narrativa significativa e na capacitação de pessoas que possam se ajudar mutuamente através de uma rede de relacionamentos capaz de mudar o contexto que as oprime.¹³⁷

Ponto fundamental dos aspectos acima mencionados, e já apresentado, é o diálogo pela valorização da participação dos indivíduos na própria construção do processo, como sujeitos (atores sociais e definidores dos temas a serem tratados e das atitudes a serem tomadas),¹³⁸ a fim de abolir qualquer emergência ao acomodamento de tendência assistencial ou meramente caritativo, seja na relação indivíduo/conselheiro ou indivíduo/grupo de encontro. Eis o motivo de nossa visão dos conselheiros como sendo participantes e facilitadores do processo de mudança¹³⁹; e não a recomendação de aplicação de um modelo pré-concebido por pessoas não pertencentes à realidade direta, nem participantes na relação de grupo de encontro (conselheiro facilitador, mas somente interventor).

Por isso, como destaca Hoch,¹⁴⁰ também é fundamental manter os processos de indivíduo/conselheiro e indivíduo/grupo de encontros simultâneos por favorecerem, respectivamente, o desenvolvimento da responsabilidade pessoal na superação de crises e a coesão grupal para a perspectiva macroestrutural; o que se integra perfeitamente ao caráter obrigatoriamente comunitário tanto da vivência da fé cristã como da cidadania.

¹³⁶ ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque. *Ação Educacional e Pastoral Libertadora: a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006. 114 p. (Teses e Dissertações; v.29).

¹³⁷ STRECK, 1999, p. 145-146.

¹³⁸ FREIRE, 2005, p. 89-139; STRECK, 1999, p. 102-106.

¹³⁹ ROGERS, Carl. *Grupos de Encontro*. Trad. Joaquim L. Proença. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

¹⁴⁰ HOCH, 1989, p. 35.

O desafio maior para o crescimento e libertação do cidadão brasileiro, principalmente o migrante nordestino, certamente está no seu tipo de religiosidade, como já afirmado, por princípio, alienante e cerceador da conscientização em cidadania, enquanto direitos e deveres. Como visto isso desloca para o futuro supra-humano a possibilidade de qualidade de vida; e embora o indivíduo esteja em um tipo de grupo de encontro nas igrejas, seria para a convivência, reguladora, normativa dos indivíduos entre si – o único dever – sendo o indicador do progresso pessoal somente a evolução sócio-econômica, e o do grupo (a Igreja), o crescimento quantitativo da denominação (instituição).

Daí a importância fundamental de um aconselhamento cristão que seja de denúncia profética e libertação; de consolo e politização, e de alcance da integralidade da natureza humana para a construção de cidadãos cristãos brasileiros legítimos, para o Reino e para o país.

3.1 Libertar pela fé – o Indivíduo das periferias de São Paulo.

A existência humana implica na relação de grupo, na vida em sociedade e, em consequência, na produção de história. Assim, entendemos o ser humano como o agente da objetividade social e, como Heller¹⁴¹ trata, sendo o construtor e transmissor de cada estrutura social e, conseqüentemente, de sua substância; sem, contudo conter a infinitude extensiva das relações sociais.

Essa mesma autora, porém, observa que tal substância não encerra a essência humana, e sim a manifesta, sendo história, por conter a heterogeneidade da estrutura social - suas várias esferas - tais como a produção, estrutura política, moral, ciência, arte, etc.; e também, de sua continuidade através dos valores. Por

¹⁴¹ HELLER, Agnes. *O Quotidiano e a História*. 4 ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 1970. (Interpretações da história do Homem, vol.2), p.1-12. Observamos que Agnes Heller foi aluna, assistente, seguidora e colaboradora intelectual de George Lukács; e integrante da escola de Budapeste. Contudo observamos que o nosso interesse por sua obra reside exatamente no fato de ela seguir uma linha de pensamento que embora marxista, “opõe-se tanto ao historicismo subjetivista como às versões estruturalistas do marxismo (que substituem a dimensão ontológico-social por um epistemologismo formalista e anti-histórico)” (HELLER, 1970, p.X-XI), o que acreditamos contribuir com o propósito de nossa pesquisa.

isso um aspecto que cabe ser considerado é o de que no decorrer da história o processo de construção, ou de degenerescência, de valores¹⁴² vai sendo realizado,

O valor, portanto, é uma categoria ontológico-social; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural (apenas pressupostos ou condições naturais) e sim objetividade social. É independente das avaliações dos indivíduos, mas não da atividade dos homens, pois é expressão e resultante de relações e situações sociais¹⁴³

Assim, pela heterogeneidade da estrutura social, os valores se desenvolvem de forma desigual, muitas vezes colidindo e provocando a relação construção - degenerescência. Contudo, há um caráter evolutivo na história cuja maior evidência se dá pelo desenvolvimento das forças produtivas. Essa percepção é a evidência da discrepância que há entre possibilidade e realidade efetiva dos valores; onde a realização dos mesmos é sempre absoluta, e sua perda, relativa. Por isso, há épocas em que uma ou outra esfera pode estar atrofiada; mas sempre há a preservação de um valor alcançado, e isso demonstra a “invencibilidade da essência humana”¹⁴⁴ e atribui sentido à história.

Dessa forma, se partirmos do entendimento de que os valores são transmitidos dentro da cultura, e que a cidade propicia o pluralismo e a relatividade dos mesmos sob a forma de escolha individual da proliferação de subculturas de consumo, há crise dos valores autônomos e, portanto, crise de humanidade.¹⁴⁵ Acrescenta-se a isso o fato de que a escolha individual tende a ser uma manipulação da mídia, do consumidor de massa, como já dito anteriormente e, portanto, uma falsa sensação de que o indivíduo é de fato um agente social, consciente e capaz de escolher por si só e perceber a diferença entre valores irrenunciáveis e valores transitórios.

O resgate da conscientização crítica da relação entre a história individual e a do grupo étnico cultural, nordestino migrante no caso, pode ser feita pelo aconselhamento, questionando-se a realidade prática sob a forma da reflexão da

¹⁴² O conceito de valor por nós adotado é o de “tudo aquilo que produz diretamente a explicitação da essência humana ou é condição de tal explicitação” (HELLER, 1970, p.8); e não somente o de valor moral.

¹⁴³ HELLER, 1970, p. 5.

¹⁴⁴ HELLER, 1970, p. 10.

¹⁴⁵ LIBÂNIO, 2002, p. 191-195.

narrativa cristã em diálogo com as diversas narrativas do grupo.¹⁴⁶ Pode-se a partir de então proporcionar o resgate de valores, se aplicado através disso estiver a metodologia de investigação temática de Freire para a leitura teológica, a partir da leitura de mundo na forma da integração e coexistência das narrativas, onde a libertação é o tema gerador dos demais geradores de interação, essencial e de grande importância *poimênica*,¹⁴⁷ e por isso também é dado o resgate do caráter de denúncia profética da fé cristã e de libertação.

Os indivíduos, portanto, devem ser convidados a refletir, discutir e trazer à prática de fé em suas vidas – cultura, contexto e sistemas internos e externos - a libertação apresentada como esforço de coletividade desde as narrativas do Antigo Testamento, onde “Deus firma um pacto, promete e redime”¹⁴⁸ diante do jugo de opressores a começar dos egípcios (Ex1-4), dos filisteus (1Sm 29), amalequitas (1Sm 30), amonitas (2Sm 10), sírios (2RS 6.7), assírios (2Rs 17), medo-persas (Et 1-10),¹⁴⁹ e tantos outros; até a apresentação do grande libertador Jesus, no Novo Testamento, cujo “excesso de humanidade revela em Cristo sua divindade”¹⁵⁰, como resgate do ponto principal da fé cristã no sentido de valorização da pessoa humana, desde o indivíduo, como imagem e semelhança de Deus até o ponto máximo da Encarnação¹⁵¹ - real e participante da história humana, o que inclui o resgate de valores, da unidade familiar à social. Daí o libertador Jesus como aquele que foi enviado para proclamar aos presos e libertar os oprimidos (Lc 4.18), aos doentes e endemoninhados (Lc 4.31-44), aos pecadores (Lc 5.17-26; Mt 9.1-8; Mc 2.1-12), e também libertar do lucro desmedido e do amor às riquezas (Lc 19.1-9) e da própria morte a partir da sua (Mt 27.50-53).¹⁵²

A contextualização aliada ao resgate e valorização da cultura, oferecendo atenção às questões de raça, gênero e injustiça social permitirão uma perspectiva holística e não hierárquica da *poimênica*,¹⁵³ convidando os indivíduos à participação e compromisso em uma prática de fé inseparável de sua vida cotidiana; e isso se encontra fundamentado nas cartas de Paulo, onde o tema da liberdade permanece

¹⁴⁶ STRECK, 1999, p.112-114.

¹⁴⁷ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 37-47.

¹⁴⁸ STRECK, 1999, p. 112-113.

¹⁴⁹ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 45.

¹⁵⁰ LIBÂNIO, 2002, p. 141

¹⁵¹ LIBÂNIO, 2002, p.140-141.

¹⁵² ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 45.

¹⁵³ STRECK, 1999, p. 114-115.

central, mas nitidamente cúmplice da responsabilidade e participação na coletividade e no desafio constante a julgar e decidir acerca de seus atos ao invés do conformismo passivo diante de regras estabelecidas (ex: 1Co 10.23-31), evitando tudo que os escravize (ex: Gl 5; Cl 2.8)¹⁵⁴ – este último ponto, a nosso ver, com oportunidades abundantes de relação com a religiosidade idólatra presente no Antigo Testamento e intimamente relacionada à opressão e subjugação de outros grupos de indivíduos – o que hoje pode e deve ser estendido à compreensão da força da mídia sobre a sociedade, a população.

Todo esse desafio feito mediante a fundamentação bíblico-histórica, comprovadora da liberdade possível de ser alcançada, e desejada aos seres humanos a começar da parte de Deus, só pode ser realizada mediante a coexistência participativa do sujeito e de sua coletividade em inserção crítica nas suas realidades para que não se caia em aderência (desejo do oprimido ser igual ao opressor) nem prescrição (determinar as pautas para os outros seguirem).¹⁵⁵

Daí o desafio de integrar tudo isso à efetivação da mobilização para a prática de uma cidadania legítima, enquanto direitos civis, políticos e sociais para que não se perpetue a religiosidade de fuga para uma posteridade espiritual, mantendo-a separada da realidade cotidiana e fechada à possibilidade de melhoria de qualidade de vida desde já e não dependendo unicamente de intervenção divina; e, por isso, a necessidade de se tratarem também temas geradores de interação fundamentados pelo aconselhamento cristão provedor de consolo e politização.

3.2 Libertar pela fé – a Igreja das periferias de São Paulo.

Segundo Libânio¹⁵⁶ o meio urbano é dicotômico, pois de um lado oferece isolamento, anonimato e dificuldades de encontro e, portanto, tendência à desmobilização; de outro, a mobilização em função do mercado (constritiva), ou seja, voltada para o trabalho e a educação ou para o consumo (prazer e lazer;

¹⁵⁴ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 44-45.

¹⁵⁵ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 48-50.

¹⁵⁶ LIBÂNIO, 2002, p.150-158.

espontânea); sendo motivada, portanto e respectivamente, por necessidade e auto-gratificação ou auto-realização. Assim, a mobilização é mobilização-*com* e não mobilização-*para* as pessoas, mesmo em caso de comitês para a própria cidadania, e tem-se que as participações efetivamente políticas, de caráter militante, diminuiriam.

A própria prática de fé modifica-se de vivência comunitária para evento, como já mencionamos, e no caso dos migrantes nordestinos da periferia de São Paulo, há o agravante de a mobilização constritiva e a espontânea confundirem-se com a ânsia de preservação de sua cultura pela busca de convivência com seus conterrâneos e parentes e a utopia sócio-econômica. Dessa forma, os indivíduos ficam entre a busca de sua identidade e a própria descaracterização da mesma através da absorção de hábitos e costumes mediadores de uma fé distorcida, idólatra.

Considerando-se isso, o aconselhamento cristão também precisa oferecer consolo e politização de forma integrada à denúncia profética e à libertação, para combater o imobilismo e a acomodação oriunda do desespero ou do conformismo fanático, e também, para recuperar as dimensões da integralidade humana.¹⁵⁷ Para tanto, também recorreremos à metodologia de investigação temática de Freire para a leitura teológica, trazendo como demais temas geradores de integração a esperança, o amor e a comunhão.¹⁵⁸

Em linhas gerais o aconselhamento, e a poimênica como um todo, devem considerar a integralidade da pessoa como algo que “implica interação entre todos os seus relacionamentos significativos e interdependentes com pessoas, grupos e instituições”,¹⁵⁹ para gerar crescimento e libertação, que só podem existir em meio à mobilização. Daí a importância da esperança na educação para a politização, pois segundo Freire,¹⁶⁰ enquanto condição objetiva e subjetiva da libertação, respectivamente, não se limita a esperar, desafia, percebe o mal, denunciando-o, e gera paciência, contrapondo-se ao desespero.

¹⁵⁷ CLINEBELL, 1987, p. 28-32. Aqui nos referimos às dimensões definidas por Clinebell: avivar a mente, revitalizar o corpo, renovar e enriquecer relacionamentos íntimos, aprofundar a relação com a natureza e a biosfera, crescer em relação às instituições significativas à vida da pessoa, aprofundar e revitalizar o relacionamento com Deus.

¹⁵⁸ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 53-73.

¹⁵⁹ CLINEBELL, 1987, p. 25.

¹⁶⁰ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 69-70.

Enquanto tema bíblico teológico, Freire entende a esperança a partir da visão do humanismo político capacitador para a identificação do que é desumano e bani-lo, associado à doutrina cristã, de uma palavra que anuncia promessa, pois é verdadeira na medida em que se constitui dialeticamente de ação e reflexão. Assim, quando os indivíduos pronunciam essa palavra, cumprem sua vocação ontológica de ser (Gn 2.19), como sujeitos e não objeto, rompendo em fé, como vista a partir de Tillich, e que se concilia à quebra do estado de alienação e de ignorância apresentado no Novo Testamento (At 3.17, 17.30; Ef 4.18; 1Tm 1.13), descrito também por Paulo em Rm 7.14-23.¹⁶¹

Mas, se a integralidade implica interações entre os relacionamentos capazes de gerar libertação e crescimento a partir da ação conciliada com a reflexão que a esperança proporciona, esta não pode existir independente da comunhão, como partilha do fazer e agir em concordância, pois é a mesma que viabiliza o diálogo, que permite fazer das diferenças complementos, e não distanciação¹⁶² e, por isso, consola. Daí surge a mobilização que – se de base legítima cristã - jamais deve ser entendida, portanto, conseguida a partir de ferramentas de massificação pela mídia ou sem a superação de contradições dominante-dominados, *eles-nós*.

A isso compreendemos implicar de forma fundamental, e em paralelo, os argumentos apresentados na importância da denúncia profética e da libertação a partir da fusão dos diferentes referenciais de narrativas das histórias dos indivíduos, do grupo, do país, especialmente no caso dos migrantes nordestinos carentes em São Paulo – fruto da miscigenação das diferentes matrizes étnicas do país, dominantes e dominadas – o que é possível somente mediante o complemento de se desenvolver pelo amor, compreendendo que a luta não é contra indivíduos, e sim contra a estrutura e é nela que os esforços devem ser concentrados.¹⁶³ Logicamente nos referimos ao amor bíblico, cristão, incondicional e ilimitado, que nos confronta (Lc 10.30-37), e que “tem na vida e missão de Jesus seu exemplo maior (Lc 4.16-30)”;¹⁶⁴ observando-se mais uma vez a importância da manifestação histórica da divindade na humanidade. Esse amor é que pode transformar o grupo em

¹⁶¹ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 71-78.

¹⁶² ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 54-57. Aqui, trata-se comunhão como termo equivalente do Novo Testamento, *koinonia*, traduzido como: comunhão (At 2.42, participação (Fl 3.10), contribuição (Rm 15.26), cooperação (Fl 1.5).

¹⁶³ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 61.

¹⁶⁴ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 59.

comunidade, de cura e consolo, pois sabe o porquê de estar unida – a importância da pessoa humana e de sua liberdade - e como está unida – por consciência e amor, a Deus e ao próximo; transformando o pecado em salvação, alienação em reconciliação, culpa em perdão, juízo em graça, morte em renascimento espiritual, desespero em esperança, sendo de fato uma comunidade de cura e crescimento;¹⁶⁵ uma comunidade capaz de integrar fé à vida em sociedade, cidadã do Reino e do país.

3.3 O cidadão cristão e a igreja das periferias de São Paulo – limites e perspectivas futuras.

A execução de um aconselhamento cristão que seja de denúncia profética e libertação, de consolo e politização, e de alcance da integralidade da natureza humana para a construção de cidadãos cristãos brasileiros legítimos, para o Reino e para o país, implicará em uma aproximação da poimênica com a psicologia social comunitária na medida em que para ambas

comunidade apresenta-se como dimensão temporal/espacial da cidadania, na era da globalização, portanto, espaços relacionais de objetivação da sociedade democrática (plural e igualitária) [...] Esses espaços comunitários se alimentam de fontes que lançam a outras comunidades e buscam na interlocução da fronteira o sentido mais profundo da dignidade humana. Enfim ela delimita seu campo de competência na luta contra a exclusão de qualquer espécie.¹⁶⁶

Logicamente isso requer que se adquira amadurecimento espiritual, o que tem sido a contramão da ação das instituições religiosas cristãs paulistanas, que independentemente da denominação, têm sua estrutura e funcionamento pautados no raciocínio patriarcal, centralizador e massificante; de mercado. Nas palavras de

¹⁶⁵ CLINEBELL, 2007, p. 47.

¹⁶⁶ SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 51.

Ariovaldo Ramos “trocamos o amadurecimento pelo crescimento”¹⁶⁷ negando a essência de At 2:42-47, que evidencia a necessidade de mudança de vida a partir da conversão, sendo a Obra de Deus cada indivíduo por si só, com o Espírito Santo o propiciador do crescimento efetivo e do poder para a ação (At 10.38).

Nessa negação, acabamos por segregar o meio cristão muito mais do que a própria sociedade de classes. Perdeu-se o entendimento da comunidade, também pela ótica da psicologia comunitária, de categoria orientadora de ação e reflexão e seu conteúdo sensível ao contexto social onde se encontra, e que a associa ao debate sobre exclusão e ética do bem viver.¹⁶⁸ Negamos a mensagem primeira do evangelho, de convocação ao arrependimento (1Jo 3.9) e do temor a Deus (Mt 10.28), reforçada pela não propiciação da esperança em Cristo manifesta pela inação de amor legítimo dos crentes para com os excluídos de um modo geral. A relação custo/benefício material sobrepôs-se à da consciência espiritual, de vivência da salvação e da graça de fato.

Assim, o foco no aconselhamento cristão como sugerido anteriormente torna-se fundamental, a começar pela reestruturação da forma organizacional das igrejas, que de verticalizadas e enrijecidas hierarquicamente, precisam tornar-se comunidade de fato, em diálogo e ruptura de tradições e mecânicas puramente humanas e oportunistas. Esse aconselhamento propiciará e ao mesmo tempo demandará que se rompa a divisão ministerial, que na prática é departamentalizada, para que se desenvolva e alcance um processo integrado, um programa de crescimento, que trabalhe indivíduo e grupo, em convivência de coletividade participativa; o que acaba por estender-se naturalmente ao trato interdenominacional.

O grande desafio obviamente envolve a relação de poder e dominação que permeia toda e qualquer relação humana, social, e que não exclui a instituição religiosa, como já apresentada, quanto à própria realidade do atual mercado de consumo religioso brasileiro e da ausência, ou da forma de presença distorcida, do aconselhamento cristão nas igrejas paulistanas. Envolve também a cada vez mais

¹⁶⁷ RAMOS, Ariovaldo. *Nossa igreja brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 40-41.

¹⁶⁸ SAWAIA, 2008, p. 50.

uma crescente massa de cristãos, líderes ministeriais ou não, que se tem mostrado insatisfeita com a instituição religiosa e tem procurado um caminho alternativo como a criação de uma nova igreja que procure se distanciar das práticas e dos líderes comuns, mas que na maioria das vezes engana a si mesma e em pouco tempo acaba por reproduzir a cultura absorvida, ou a alternativa do abandono do meio; sem falar no trânsito religioso daqueles que não se fixam em lugar nenhum.

Provavelmente este é e sempre será o maior limite a ser vencido acerca da dualidade da organização humana necessária para a organização jurídica exigida na constituição das instituições religiosas, mas certamente, é possível vivenciar a fé cristã sem a pretensão da fixação de lugares religiosos (solos sagrados) e conta bancária, caso cada indivíduo entenda-se como uma instituição cristã, um solo sagrado, e partilhe e comungue de sua vida com outros indivíduos.

No meio acadêmico paulistano já se têm um corpo de pesquisadores cristãos, muitos deles pastores e padres, teólogos cristãos em geral, de diferentes denominações defendendo a visão de Reino acima da visão de instituição com profunda semelhança e prática de vida, focando a recuperação integral do ser humano a começar pelo olhar de compaixão para os empobrecidos; mas, ainda falta-lhes a catalisação sob a forma de grupo, manifestando de fato o que pregam. Embora os mesmos evitem ou ignorem a necessidade última de se colocar definitivamente em discussão a formatação organizacional das igrejas – o maior dilema a ser enfrentado.

Mas, apesar de que isso pareça um tanto inacessível será obrigatório se o cristianismo quiser permanecer dominante no Brasil, pois os últimos anos de escândalos, sobretudo na região Sudeste, no que é entendido como meio cristão pela população laica – católicos, pentecostais, protestantes de missões - em especial envolvendo a corrupção financeira e ética das denominações pentecostais, a corrupção moral e o sincretismo católicos, e a atrofia constante das denominações protestantes tradicionais e sua postura e metodologia predominantemente elitistas e de inação (falta de posicionamento) – têm provocado rejeição e protesto da sociedade cristã laica e não cristã.

Além disso, um agravante do desgaste geral do meio cristão no país foi o posicionamento dúbio e manipulador de denominações evangélicas (pentecostais e protestantes) relacionadas aos políticos e partidos na disputa das últimas eleições

presidenciais (outubro de 2010); e a carga de material trocado pela internet que mais do que uma amostra de exercício de cidadania dos cristãos mostrou ser na maioria do conteúdo apresentado uma amostra de argumentação de infantilidade espiritual e pouco conhecimento político distribuindo *demonizações* de um lado, saudosismo ditatorial e militar de outro, correspondendo respectivamente à divisão ideológica primária do meio entre pentecostais e tradicionais, e não a qualquer exercício de conscientização. Por outro lado, viu-se pela primeira vez de forma oficial e mais marcante, a aparição de líderes evangélicos e católicos unidos politicamente em prol da proibição do aborto. Contudo lembramos que foi reconhecido o peso que os estados mais pobres das regiões Norte e Nordeste, e os nordestinos migrantes no Sudeste, tiveram na decisão nessas eleições.

Soma-se a isso o crescimento do movimento de defesa dos direitos dos homossexuais, pleiteando inclusive a mudança de leis que legalizem a união estável (casamento) e censurem a literatura que os discrimine de alguma forma (o que inclui a Bíblia, no entendimento da maioria), que tem encontrado apoio no governo atual, seja por oposição ideológica antiga com relação ao cristianismo, seja por interesse em aumentar o número de eleitores. Também a postura nada sábia dos evangélicos, de ausência de diálogo e de discriminação aberta e até mesmo de fala agressiva entendendo-se isso distorcidamente como atitude bíblica apologética, tem agravado a rejeição.

Mais do que um aspecto de derrota, é a emersão efetiva da quebra de monopólio das instituições religiosas cristãs no Brasil, de sua forma de atuação de dominação e subjugação político-econômica, de distorção de princípios e valores, de desunião e disputa interna, e que exatamente por isso, poderá trazer a remodelação, o amadurecimento e a purificação necessários para que se tenha o resgate da vida no Evangelho nesse meio. Daí o aconselhamento cristão presente e eficiente ser necessário para o resgate da dimensão de cuidado e compaixão nesse processo de remodelação, de renovação do modo de pensar e agir – como propiciador e demandante – a começar do próprio meio interno das instituições.

Acrescente-se a isso como mais um catalisador de mudança inevitável, e promotor do que chamamos de movimento *cristianofóbico* já existente, o

desenvolvimento acentuado do islamismo,¹⁶⁹ sobretudo na região Sudeste do país, com destaque para as cidades São Bernardo do Campo seguida de São Paulo, e com foco nas populações carentes e não brancas, como indícios de que um processo de mudança inevitável já está ocorrendo.

Embora o perfil dos muçulmanos no Brasil seja majoritariamente urbano, masculino, branco e de nível educacional acima da média brasileira, seu evangelismo tem focado exatamente as populações das periferias, onde predominam os nordestinos, principalmente em função de seus *pilares*¹⁷⁰ da fé, de aspecto de não aceitação da corrupção financeira ou moral (o que para eles inclui a rejeição extrema ao homossexualismo), da obrigatoriedade da partilha de bens como purificação da riqueza pelos mais abastados, e do cuidado entre os seguidores independentemente de cor e nível socioeconômico.¹⁷¹ O número de mesquitas e de associações beneficentes islâmicas tem crescido, e a característica mais marcante desse meio tem sido a união e unificação da atuação, mesmo com linhas diferentes de atuação (maioria esmagadora de sunitas; minoria de xiitas)¹⁷² – o que é a característica oposta do meio cristão.

Cabe destacar, porém, que o crescimento do islamismo nas periferias de São Paulo alcança, sobretudo, homens jovens, afro descendentes (nordestinos ou filhos de nordestinos; em especial baianos), em boa parte através do movimento *hip hop*, de influência por parte dos movimentos negros norte-americanos, em resposta à desigualdade social. São liderados pelo Núcleo de Desenvolvimento Islâmico Brasileiro (NDIB),¹⁷³ a organização mais combativa do novo islã negro e em 2007, através de uma parceria com o Conselho Nacional de Negros e Negras Cristãos, levaram Hampton Jr. (*rapper* e filho do líder dos Panteras Negras norte-americanos)

¹⁶⁹ O islamismo está presente no Brasil desde a colonização, em especial na Bahia através de escravos negros, mas seu crescimento expressivo tem acontecido a partir da década de 90, provavelmente como início da insatisfação proporcionada pelo meio cristão e por estratégia da liderança islâmica tirando proveito disso e da fragmentação característica das denominações cristãs.

¹⁷⁰ SOCIEDADES ISLÂMICAS DO BRASIL. *Os Pilares do Islã e os valores morais*. Disponível em: <<http://www.alcorao.com.br/sociedades.asp>>. Acesso em: 14 out. 2010.

¹⁷¹ PEREIRA, Diogo do Nascimento. Elementos para uma geografia social. Resenha de: WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social*. Disponível em: <<http://www.etni-cidade.net/muculmanos.htm>>. Acesso em: 14 de out. 2010.

¹⁷² SALAH, Hani. *Quem são os muçulmanos no Brasil?* Disponível em: <http://www.luzdoislam.com.br/br/articles.php?article_id=198>. Acesso em: 14 de out. 2010.

¹⁷³ BRUM, Eliane. Islã cresce nas periferias das cidades do Brasil. *Revista Época*. São Paulo, 30 jan, 2009; atualizado em 28 jan, 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI25342-15228-4,00-ISLA+CRESCER+NA+PERIFERIA+DAS+CIDADES+DO+BRASIL.html>>. Acesso em: 14 de out. 2010.

a um encontro com a comunidade afro-brasileira em Salvador, na Bahia, e às favelas do Rio de Janeiro.

Dentre suas manifestações, alegam que os detentos negros e descendentes de negros que se encontram nos presídios são *presos políticos*, pois independentemente do tipo de crime, trata-se de uma estratégia de extermínio, de genocídio da raça negra pelo Estado. Também rejeitam o catolicismo como um todo, pelo seu passado de apoio ao colonialismo escravagista, e o pentecostalismo, pelo seu apelo capitalista de tomar dinheiro dos fiéis e não utilizá-lo em benefício dos mesmos.

O NDIB também tem conexões com muçulmanos dos guetos da França, do Canadá e dos Estados Unidos através de um de seus líderes, Sharif, que é *rapper*, trabalha com a educação de crianças e faz parte do movimento de literatura periférica escrevendo textos contundentes e agressivos. A meta do movimento é um governante muçulmano para o Brasil e já planejam a construção da *Nova Meca* – uma comunidade para reunir a moradia dos *revertidos*¹⁷⁴ das periferias - em Francisco Morato, município pobre da Grande São Paulo. Observamos aqui, que os principais líderes muçulmanos do Oriente tem total interesse em apoiar do ponto de vista político pelo interesse econômico sobre o Brasil (petróleo, recursos hídricos, extensão territorial, etc.); e o governo federal do país, tem sutilmente mostrado sua empatia no apoio a esses líderes, em nível mundial.

Como a maioria dos moradores das periferias de São Paulo, conforme descrito no capítulo primeiro desse estudo é composta por mulheres, de 30 a 34 anos, pardas, nordestinas ou descendentes, pentecostais (lembrando-se que inclui neopentecostais), e mães com filhos abaixo de 15 anos, ainda é possível que a problemática de gênero venha a se agravar a partir de uma subjugação maior para domínio político social islâmico. Além disso, dentre os nordestinos de São Paulo, o segundo grupo maior é de pernambucanos, que tem o índio e não o negro em sua constituição como predominância étnica junto à matriz branca, européia lusitana; não se identificando em geral tão facilmente pelo discurso dos movimentos negros como os baianos, mas tendo empatia pela utopia de superação da pobreza e pela subjugação de gênero, pelo machismo.

¹⁷⁴ Termo utilizado para os que se convertem ao islamismo.

Por outro lado, acreditamos também que a predominância populacional feminina nas periferias e a influência da maternidade sobre os filhos podem facilitar a conscientização de gênero e a rejeição de uma religião poligâmica e de afirmação institucional severamente machista como o islamismo. Embora, o próprio referencial identitário nordestino dela, de base de subjugação e conformismo, também possa atrair-se pelos pilares da fé islâmica entendendo-a como cuidadora da família, de forma inclusive a aceitar a multiplicidade de esposas pela escassez de maridos que queiram assumi-las e a seus filhos, e de melhoria de vida, migrando, como um dia migrou, do catolicismo tradicional para o pentecostalismo, mantendo-se a alienação e a manipulação sob nova forma político-econômica e religiosa do Islã.

CONCLUSÃO

O povo nordestino migrante permanece sendo a força motriz da cidade de São Paulo – o principal centro urbano do país e mercado de consumo - inclusive religioso. Sua busca por uma condição de vida melhor e sua religiosidade se entrelaçam, ou mesmo fundem-se, mantendo-o como o *não-cidadão* brasileiro, que permanece subjugado à política econômica do Brasil agora globalizada.

Contudo, isso não poderá mais ser ignorado, e naturalmente cabe a pergunta por uma solução ou caminho possível para a conquista da cidadania por esse nordestino, já que a própria prática de fé cristã permanece *não-fé* subjugando-o, mas que desde a década de oitenta apresenta uma nova face, a do movimento evangélico de cunho neoliberal, de consumo de massa.

Logicamente, não se pode responder a isso com a proposta de criação de mais uma igreja ou religião nova, nem muito menos de revolução armada. Cabe sim, o desafio da proposta de reorganização efetiva do modo de pensar e agir – desses indivíduos e das organizações religiosas - para nova atitude, considerando a integralidade do ser, pois a fé cristã em si é essencialmente sinônima de libertação, de consolo, de justiça social e conscientização; e a Igreja, sinônimo de pessoas em comunidade e não de instituição.

Daí a importância do aconselhamento cristão como proposta desse caminho possível à legítima conquista da cidadania pelos nordestinos, mas com características específicas, de real ajuste e preocupação com as questões que marcam a identidade dessa população e a mudança sofrida relativa ao seu processo de migração há décadas, cuja relação com o trabalho permanece como eixo principal da motivação da mudança geográfica e do desenvolvimento da vida religiosa.

Todo o sofrimento moral e a perda de valores, comumente provocado por precárias condições de trabalho, escassez do mesmo ou desemprego, comuns à sociedade capitalista acentuam-se com o patriarcalismo e o machismo latinoamericanos. Gera-se a desigualdade de gênero, o distanciamento parental e filial, a dependência química do álcool ou drogas, a violência familiar, a maior

propensão à massificação pela perda do elemento normativo associado à figura paterna, dentre outros aspectos comuns principalmente à população em situação de risco social. No caso dos nordestinos, porém, tudo isso se agrava na mudança do meio rural de vida de subsistência e religiosidade católica tradicional, para o urbano paulistano de consumo de massa e neopentecostal.

Antes, o trabalho é a mera manutenção da vida biológica e se sujeita à ela, o motivador da formação e da união familiar, da identidade de gênero pela definição clara e concordante de papéis, do bem comum; é tradição oral e prática entre gerações; é testemunho mediante a cultura manifesta em música, dança, arte; tendo a vida religiosa integrada à razão de ser do indivíduo à coletividade, inconcebível de forma separada, mesmo que recebida como herança de subjugação colonial, de escravidão étnica. Esse contexto, em linhas gerais, gera indivíduos com censo e valorização de coletividade, do valor da família que se estende aos conterrâneos; da relação intergeracional que é história, cultura e manutenção da vida pela criatividade; da religiosidade que é celebração criativa e alegre, compromisso festivo mesmo que entre Senhor e servos.

Depois, o trabalho torna-se a própria razão de ser, o significado da vida é o ter e neutraliza ou mesmo nega e rejeita tudo o que se define como não rentável no meio urbano e individualista. Tradição é ignorância e atraso produtivo, a cultura só é interessante se comercializável para a dominância; a família é segregada entre aqueles que geram e os que apenas consomem, e portanto, pesam. A vida religiosa é só um meio de troca, onde se eliminam os intermediários; a coletividade torna-se parceira de negócio e regulamentadora do aval de eficiência e, portanto, do alcance da devida aquisição material ou não. O novo contexto separa os indivíduos cinde a relação geracional; descompensa e confunde a relação de gênero ou mesmo a destrói; sujeita a vida ao trabalho acentuando a alienação; promove o autodesprezo da cultura; faz da religiosidade um acordo de troca condenando a autonomia.

Por isso, também, afirmamos a impossibilidade de continuar a isolar o aconselhamento do envolvimento com essa realidade dos nordestinos e da necessidade do mesmo ser promotor de empoderamento; da conscientização dos direitos políticos, sociais e civis. Mas, para tanto, também será necessário o resgate do caráter comunitário e terapêutico do aconselhamento cristão, uma vez que a

alteridade é o ponto fundante desse caráter; e, a unidade pela diversidade, a manifestação dos dois maiores mandamentos da vida e da fé cristã, o Amor.

Diante disso reconhecemos ser possível desenvolver o aconselhamento cristão junto aos nordestinos a partir da identificação de referenciais aplicativos, que têm sua origem nas próprias características e necessidades desse povo.

Um aconselhamento que utilize o domínio da tradição oral pelo baixo nível de estudo, o apego conterrâneo e a relação intergeracional para formar indivíduos multiplicadores do processo de conscientização e libertação diante da análise crítica das narrativas de suas vidas em comparação com as do povo na bíblia. Transdisciplinar, que trate a integralidade a partir da situação do trabalho como tema central da história de vida desse grupo e que propicia os demais aspectos: relação de gênero, família, migração, cultura, religião e pobreza; destacando a valorização da pessoa como *Imago Dei*.

Um aconselhamento que saiba fazer da festividade, da criatividade e musicalidade da cultura nordestina um facilitador da manifestação de práticas íntimas, pessoais e comunitárias de fé, que transcendam o aspecto meramente institucional e propiciem a vida em abundância do Evangelho. Transeclesiástico e transregional, como a manifestação do Reino de Deus deve ser, e onde a persistência, o inclusivismo conterrâneo e o otimismo fervoroso possam transformar-se em resiliência por ter a igreja como rede de apoio terapêutico.

Onde o contexto original do nordestino, do ser migrante, no aconselhamento cristão não seja rejeitado por compreendê-lo como inútil ou atrasado; mas que seja valorizado pelo paralelismo com a realidade de vida enfrentada pelo povo bíblico - de opressão político-econômica, subjugação de gênero, migração, manipulação religiosa e alienação legalista – a partir de um aconselhamento multifacetado, de ação cristã integrada de evangelismo, discipulado, cuidado e fortalecimento em oração.

Obviamente isso tudo necessitaria de um perfil de conselheiro também diferenciado. Um conselheiro que trabalhe, no mínimo, em dupla com outro para que seja tratado o indivíduo, a família e também o grupo de pertença; e cuja centralidade esteja no Cristo reconhecido como sabedoria encarnada, o que não impede o uso de práticas convencionais, nem de técnicas de psicanálise ou de psicologia. Mas,

também, que não se limite a elas, integrando o conhecimento teológico bíblico à vocação de cuidador. Este, portanto, sendo homem ou mulher, com cargo religioso ou não, que priorize a independência legítima dos indivíduos posicionando-se como facilitador; acima de tudo, comprometido com a causa do migrante nordestino antes, durante e depois da mudança. Assim, que saibam mobilizar e articular uma rede de apoio e dedicação tão ampla e diversa como a realidade desses indivíduos.

Apesar de essa possibilidade real existir, reconhecemos que não é fácil e demanda principalmente tempo, pois não se muda todo um composto cultural de base religiosa em pouco tempo – nem nos indivíduos, nem nas instituições e no seu entendimento e aplicação do aconselhamento cristão na região Sudeste, em São Paulo. Além da resistência natural pela desconfiança, quando se trata de propor reflexão sobre a mudança de práticas religiosas de forma a romper com a tradição e a estrutura verticalizada de poder das atuais instituições religiosas cristãs; em especial, quando estas ainda acreditam manter sua influência sobre a situação político-econômica do país.

Mas, o que é essencial evidenciar é que essa influência está em decréscimo, em parte, e majoritariamente, devido ao próprio procedimento distorcido daqueles que se denominam cristãos; de negação da democracia, pela corrupção em suas mais diversas formas e pela intransigência com minorias como os homossexuais; além do ignorar das necessidades reais dos excluídos empobrecidos ou mesmo de não desenvolver uma metodologia de aconselhamento cristão contextualizada.

Soma-se a isso, também, o desenvolvimento acentuado e silencioso do islamismo focado, sobretudo, nas periferias dos principais centros urbanos da região Sudeste do país, exatamente onde se encontram os nordestinos migrantes, com uma forma de atuação semelhante a das instituições religiosas cristãs com relação à subjugação e domínio religioso associado à pretensão político-econômica.

Assim, acreditamos que nas próximas décadas a participação no cenário religioso terá de ser obrigatoriamente pela conscientização social e atendimento aos excluídos, com destaque junto aos nordestinos, de trato obrigatório para com o minimizar das injustiças sociais históricas e intencionais sobre os mesmos. O grande diferencial de metodologia será o próprio exemplo de vida dos fiéis e das organizações religiosas pela renovação de seu modo de pensar e agir; embora acreditemos que não poderá ser totalmente abolido o caráter de tendência de

constrangimento pela culpabilidade moral, característica do meio religioso em geral, e da cultura do país.

Daí a necessidade de se tratar o discernimento moral, o consolo, a politização, a libertação e o caráter profético do cristianismo junto aos nordestinos, e o caminho centrando no aconselhamento cristão, que traduza a linguagem do evangelho para a do relacionamento humano. Um aconselhamento cristão que propicie a mudança da forma e da prática de ser Igreja, aqui e agora, não de prioridade institucional e denominacional, e sim de comunhão, compaixão e coesão humanitária. De manifestação de pessoas comprometidas com o Cristo – em amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo - dentro de qualquer instituição humana, e de relacionamento interregional para amparo aos migrantes; intergeracional de apoio e fortalecimento da família, daqueles que vivem sob o mesmo teto, consanguíneos ou não. Daqueles que vivem no mesmo país, independentemente da região, da miscigenação étnica e de dogmas.

Enfim, vê-se que a questão dos nordestinos migrantes a curto e médio prazo é acima de tudo de caráter humanitário, da ética e moral em defesa da vida, para homens e mulheres, que possam conhecer o real motivo por detrás de suas escolhas de vida, portanto, que conscientize e preserve os direitos sociais, políticos, civis; que personifique o Cristo de fato, em organismo e não em organização. Tendo por dogma a atitude de vida, de cidadania legítima para que não se perpetue o hábito de adquirir uma nova máscara para permanecer ocultando uma realidade política e econômica antiga e velada, de poder e opressão, que continua a alimentar o pecado individual e o estrutural, agora também sob a possibilidade de uso da instituição muçulmana.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gideon. *Protestantismo Tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. 160 p.

_____. A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 15-17, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A Solidão Intimista na Cidade Mundial: uma análise da experiência da migração*. 2003. 152 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BENINCA, Dirceu; ALMEIDA, Antônio Alves de. *CEB's: nos trilhos da inclusão libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006. 187 p. (Coleção Comunidade e Missão)

BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Sílvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 273 p. (Coleção Psicologia Social-Insconsciente e Cultura). p. 29-45.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: nova versão internacional. Trad.: Comissão de tradução - SBI. São Paulo: Vida, 2004. 1270 p.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 303 p.

_____. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 123 p.

_____. *Técnicas Latino-Americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário*. São Paulo: Hucitec, 1975. 165 p.

BORGES, Selma Santos. *O Nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade*. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 200. 220 p.

_____. "Sola Fide": um princípio antijudaico? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.49, n 1, p. 7-41, 2009.

BRUM, Eliane. Islã cresce nas periferias das cidades do Brasil. *Revista Época*. São Paulo, 30 jan, 2009; atualizado em 28 jan, 2010. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI25342-15228-4,00-ISLA+CRESCE+NA+PERIFERIA+DAS+CIDADES+DO+BRASIL.html> >. Acesso em: 14 de out. 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. IURD: teatro, templo e mercado. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 26-29, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Márcia Junges. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf> >. Acesso em: 20 mai. 2010.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 179 p.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 236 p.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4 ed. de 1987. Tradução Walter Schlupp e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. 420 p.

CORREA, Marcos Sá. Uma opção de vida mais organizada para os pobres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 19-21, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque do. *Ação Educacional e Pastoral Libertadora: a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006. 114 p. (Teses e Dissertações, 29)

FERNANDES, Silvia Regina Alves (Org.). *Mudança de Religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*. São Paulo: Ceris; Palavra & Prece, [s.d.]. 235 p. (Coleção CERIS)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p. (Coleção Leitura).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: FUSP; 34, 2002. 231 p.

GOLDIM, Ricardo. *É proibido: o que a bíblia permite e a Igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998. 183 p.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4 ed. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 1970. 121 p. (Interpretações da história do Homem, vol.2)

HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susan M. (Orgs.) *Sofrimento, Resiliência e Fé: implicações para as relações de cuidado*. Sinodal/EST, 2007. 224 p.

_____; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. 2 ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005. 126 p.

_____. Aconselhamento Pastoral e Libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Ano 29, n 1, p. 17-40, 1989.

_____. Psicologia a Serviço da Libertação: possibilidade e limites da psicologia na Pastoral do Aconselhamento. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, Ano 25, n 3, p. 249-262, 1985.

JACOB, Cesar Romero [et al.]. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003. 240 p. (Coleção Ciências Sociais; 7).

LIBANIO, João Batista. *As Lógicas das Cidades: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002. 221 p.

LANE, Silvia T. Maurer. *O que é psicologia social*. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 87 p. (Coleção Primeiros Passos; 39)

MACHADO, Maria das Dores Campos. O pentecostalismo e as mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 22-26, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

MANZINI-COVRE. Maria de Lourdes (Org.). *A Cidadania Que Não Temos*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 189 p.

MARIANO, Ricardo. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois: uma religião dos pobres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 5-8, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

MATOS, Alderi Souza de. Pentecostalismo: traços históricos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 8-11, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

MARIZ, Cecília Loreto. Mais-valia: o pentecostalismo e a emancipação das mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 12-14, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. 158 p.

PINHEIRO, Jorge. *Deus é Brasileiro: as brasilidades e o Reino de Deus*. São Paulo: Fonte, 2008. 216 p.

PEREIRA, Diogo do Nascimento. Elementos para uma geografia social. Resenha de: WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social*. Disponível em: <<http://www.etnicidade.net/muculmanos.htm>>. Acesso em: 14 de out. 2010.

RAMOS, Ariovaldo. *Nossa igreja brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002. 112 p.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 435 p. (Companhia de Bolso).

ROESE, Anete. *Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 147 p.

ROGERS, Carl. *Grupos de Encontro*. Tradução Joaquim L. Proença. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 165 p.

SALAH, Hani. *Quem são os muçulmanos no Brasil?* Disponível em: <http://www.luzdoislam.com.br/br/articles.php?article_id=198>. Acesso em: 14 de out. 2010.

SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. 289 p.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7 ed. São Paulo: EDUSP, 2007. 169 p. (Coleção Milton Santos, 8)

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 92 p.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. Tradução Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003. 124 p.

SPOHR, Inácio José. Os pentecostais e a democracia da cultura religiosa brasileira. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 17-19, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. 384 p. (Teses e Dissertações, 14).

SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002. 181 p.

_____. *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*. Petrópolis: Vozes, 2002. 181 p.

SOCIEDADES ISLÂMICAS DO BRASIL. *Os Pilares do Islã e os valores morais*. Disponível em: <<http://www.alcorao.com.br/sociedades.asp> >. Acesso em: 14 out. 2010.

TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974. 87p.

TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. Tradução Rute Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985. 218 p.